

Entrevista:
Boris Tabacof

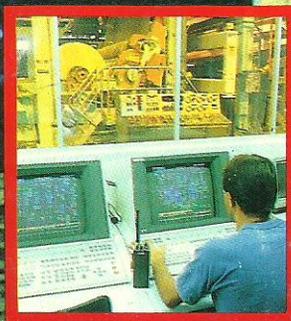
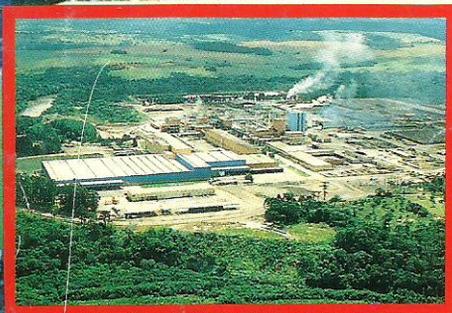
CELULOSE & PAPEL

ANO IX - Nº 42 - 1993 - ISSN 0102-5279

9(42)



PUBLIC.: P-005988
CELULOSE E PAPEL 9(42) JUL. 1993



KLABIN: ARMAS CONTRA A CRISE

Se o seu problema é corrosão, você precisa de DERAKANE*.

Na hora de escolher uma resina para revestimento ou fabricação de equipamentos em plástico reforçado, sujeitos a alta corrosão, é muito importante a avaliação de suas características e benefícios.

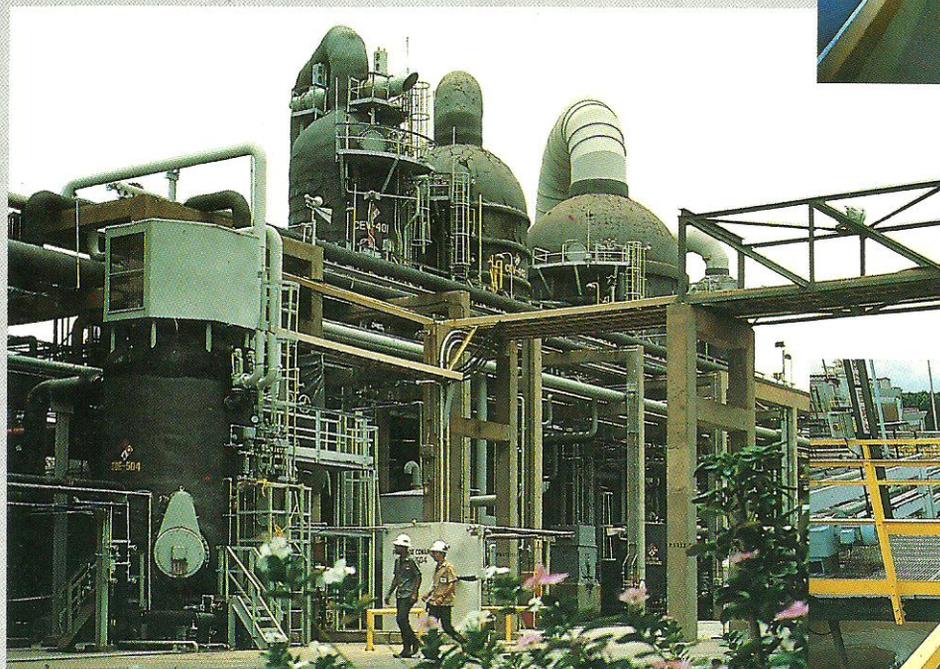
Fatores como resistência química e mecânica, durabilidade, versatilidade na transformação, tradição de qualidade, apoio técnico e certeza de fornecimento, são fundamentais.

Desenvolvidas com a tecnologia DOW, as resinas epóxi éster vinílicas DERAKANE* possuem qualidade mundialmente comprovada e desempenho superior.

Presente há 20 anos no mercado nacional e há mais de 25 no mercado externo, DERAKANE* vem garantindo continuamente eficiência e qualidade nas mais diversas aplicações, minimizando custos de manutenção e atendendo às necessidades específicas dos vários setores da indústria.

Na hora de escolher uma resina, pense no futuro de seus equipamentos e na tranquilidade que traz a tecnologia.

Use DERAKANE*.



Dow Plásticos

Tel.: (011)546-9375/546-9206

DERAKANE* **20** ANOS
TECNOLOGIA VENCENDO A CORROSÃO

PERSPECTIVAS MENOS SOMBRIAS

*Horácio Cherkassky**

O setor de papel e celulose é, hoje, um dos mais modernos e competitivos da economia. Nem por isso, apesar dos resultados positivos auferidos no ano passado, ele ficou infenso aos males indesejáveis da recessão contra a qual todos lutam. Mas já identificamos alguns sinais promissores, apontando para um mercado em expansão após os volumosos investimentos que resultaram no crescimento da produção brasileira e levaram o setor, em 92, a ampliar suas exportações a 25% da produção. Foi a forma possível para compensar o desaquecimento do consumo interno.



A expansão do setor resultou de investimentos da ordem de US\$ 5,5 bilhões no período 89/93, elevando a capacidade instalada de produção a 6,5 milhões de toneladas de papel e 5,7 milhões de toneladas de celulose. Outros projetos em fase de estudo ou à espera de oportunidade somam mais US\$ 4,7 bilhões. Para escoar os produtos dependemos da recuperação da economia em nível mundial e internamente. Que cenário nos aguarda?

A visão do futuro próximo, tão nebulosa no passado, parece mais clara. E também mais promissora. A indústria brasileira conseguiu encerrar o primeiro semestre com aumento real em suas vendas, ampliando ao redor de 7% o volume de horas trabalhadas nas linhas de produção. Houve um ligeiro avanço na massa salarial e no nível de emprego. Se os negócios não se mostram tão acelerados como seria de se desejar, pelo menos se começou a ocupar linhas antes ociosas, revelando uma tendência de crescimento. O mais importante, no segmento industrial de celulose e papel, é verificar que as empresas, em geral, se mostram mais ágeis e obtiveram um considerável aumento de produtividade, num salutar processo de ganhos de eficiência e, conseqüentemente, de competitividade. Não será exagero dizer que, em muitos casos, avançamos nesse aspecto patamares mais avançados do que a média dos padrões mundiais de produção.

O IPEA, por sua vez, estima um crescimento do PIB, neste ano, da ordem de 3,5%, algo de que não temos tido notícia nesses últimos anos.

No cenário externo vemos sinais de recuperação na economia mundial. O último relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE prevê perspectivas modestas, porém positivas para os sete países mais ricos, um bom índice de crescimento para os países asiáticos e recuperação do crescimento em alguns países da América Latina. Menos ruim, portanto. Vamos trabalhar para que a retomada seja permanente.

* *Horácio Cherkassky é presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose*

A revista Celulose&Papel é órgão oficial da ANFPC-Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
Rua Fonso de Freitas, 499
CEP 04006-052 - São Paulo - SP
Fone: (011) 885-1845

Diretor Responsável
H. Horácio Cherkassky

Conselho Editorial
Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Dante Ramenzoni
Lenomir Trombini
Marcello L. Pilar
Osmar Zogbi
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar

Conselho Consultivo
GT 2 Divulgação

Coordenação Geral
Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose&Papel é produzida e editada pela
Unipress Editorial ISSN 0102-5279

UNIPRESS EDITORIAL

Diretoria

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Diretor de Redação
Reginaldo Finotti

Editor
A. C. Schiaveto

Redação
Ana Lúcia Venterim
Sílvia Pimentel

Colaboradores
Célia Chaim
Wanderley Hipólito de Oliveira

Fotos
Divulgação/Mario Tanaka

Publicidade
José Cruz Filho

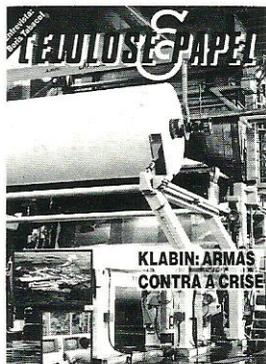
Relações Públicas
Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade:
Av. Paulista, 2006 - 11º andar - Conjs.
1003 a 1008 - Fone: (011) 285-6233 -
Telex: (11) 32183 - Fax (011) 285-3785
CEP 01310-926 - São Paulo - SP

Fotolitos: Oka

Impressão
Ipsis Gráfica e Editora S.A.

ARMAS CONTRA CRISE



Com investimento da ordem de US\$ 300 milhões, o Grupo Klabin desenvolve o projeto de ampliação da Papel e Celulose Catarinense S.A. - PCC, que inaugurou uma nova unidade para produzir 60.000 toneladas anuais de papel "tissue", com a maior e mais moderna máquina de papel de seu tipo na América Latina.

Biblioteca
do
IPEA

CONJUNTURA

Para alguns, são visíveis e de contornos nítidos os sinais de aquecimento da economia brasileira, com uma recuperação lenta mas persistente. No mercado internacional, também começa a se desenhar uma recuperação, embora ainda relativamente modesta. E o IPEA estima que neste ano o PIB brasileiro deve crescer 3,5%.

6

ISO 9000

As três empresas brasileiras que conquistaram a norma ISO-9000 para seus produtos - Aracruz, Champion e Riocell - contam como se desenvolveu o processo que levou à certificação. Em todos os casos, foi um trabalho longo e difícil, porém compensador pelo que significa em termos de competitividade, tanto em nível doméstico como no mercado internacional.

8

ENTREVISTA

Uma das figuras marcantes do setor, Boris Tabacof, ex-superintendente da Bahia Sul, amante da boa leitura e da boa música, questiona alguns dos valores de nossa sociedade. Fala de sindicalistas, da nova postura dos empresários e de como encara a honestidade na vida pública, na qual atuou no início de sua carreira.

14

CBTI

COMUNICADO

A **CBTI** - Cia. Brasileira de Tecnologia Industrial comunica ter concretizado uma aliança estratégica com as seguintes operações no Brasil:

- **"AES"-divisão da Albany International Ltda.**
- **Blades Industrial Ltda.**
- **Vickers Ltd.**

Trata-se de um relevante investimento para viabilizar e assegurar a posição da **CBTI** como fornecedor à Indústria de Celulose e Papel, de equipamentos de alta tecnologia, cada vez mais competitivos e com os mais rigorosos padrões de qualidade.

As operações acima estarão reunidas nos escritórios e fábrica da **CBTI** à Via Anhanguera km 83,5 - Valinhos - SP.

Telefone: (0192) 71.0100

Telefax: (0192) 71.0093

Valinhos, 1º de julho de 1993.

INDICADORES APONTAM REATIVAÇÃO DA ECONOMIA

Os sinais de reaquecimento mostram contornos mais nítidos e visibilidade para alguns, como os economistas do IPEA, que estimam crescimento de 3,5% do PIB este ano. Aparentemente não é só uma bolha de consumo.

Bóris Tabacof, empresário que lê e interpreta os levantamentos do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, acha que já há uma recuperação lenta, mas persistente. “Não se trata apenas desse negócio de bolha de consumo que inventaram na falta de uma definição mais precisa ou por necessidade de uma expressão mais condizente com o leque de dúvidas que assaltou a vida econômica nacional”, sentenciou. Também presidente da Abecel - Associação Brasileira de Exportadores de Celulose, Tabacof lembra que são muito pequenos os índices de crescimento da taxas de emprego, da massa salarial e de progressão do uso da capacidade instalada de produção da indústria, mas “eles, não obstante baixos, têm sido perseverantes, mesmo que menos intensos em alguns meses de consumo pouco acentuado”, assinala.

“A recuperação que se prenunciou de forma acentuada no bimestre março/abril não se mostrou consistente em maio e junho, encerramento do semestre, apesar dos números da demanda doméstica, nesses meses, terem alcançado um patamar pouco superior ao de 1992. Não vejo sinais tão seguros nos horizontes de uma desejável retomada da economia”, raciocina Raul Calfat, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e diretor superintendente das empresas de papel e celulose do grupo Votorantim.

Com um perfil um pouco mais otimista, Horácio Cherkassky anima-se com os dados que começam a desenharem uma recuperação da economia mundial, embora ainda relativamente modesta face ao desequilíbrio regional que acentua o crescimento constante ao sul do Pacífico, nos países asiáticos, humilde recuperação nos sete países mais ricos e um ainda muito nebuloso gráfico no conjunto da América Latina.

A recessão não deixa de ser dolorosa, principalmente quando aborta planos entusiastas de investimentos, construídos na velocidade dos ventos da prosperidade, soprados por persistente expansão da demanda mundial. Ela se reflete, basicamente, na redução das oportunidades de geração de novos empregos ou de reabsorção de mão-de-obra. No setor de celulose e papel Cherkassky computa gastos de US\$ 5,5 bilhões em expansão da produção ou novas unidades industriais no período 89/93, ampliando a capacidade de produção brasileira a 6,5 milhões de toneladas de papel e a 5,7 milhões de toneladas de celulose. Outros US\$ 4,7 bilhões projetados foram congelados na prancheta à espera de melhores oportunidades que, para muitos, começam a surgir agora com as indicações de que a virada do ano vai assinalar o início de um novo ciclo de prosperidade no revezamento histórico do segmento industrial que alterna períodos altos e baixos, com temperaturas variáveis. De qualquer forma,

mesmo não mostrando resultados alvissareiros, o setor faturou, em 92, fatia equivalente a 1,2% do PIB (US\$ 5,1 bilhões contra US\$ 4,9 bilhões no ano anterior) e exportou 25% da produção, contabilizando US\$ 1,47 bilhão para a pauta das exportações brasileiras.

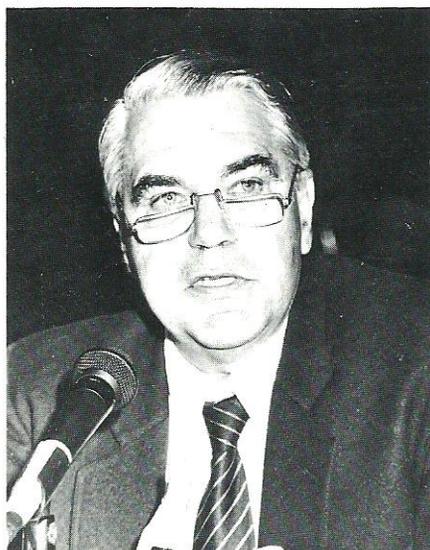
Entusiasmo fragilizado

A convivência com um prolongado estado de recessão econômica vacinou os empreendedores e minou o ímpeto dos empresários brasileiros. Agravou ainda mais os sintomas da endemia que prostou os investimentos na UTI do processo econômico, a realidade da concorrência sem protecionismos que caracteriza o grau de abertura e de globalização. A progressão da redução das tarifas de importação, num calendário mantido com rigidez e fortalecido contras as ações dos mais organizados *lobbies* dos setores que não levaram a sério e não se prepararam para maior competitividade, despiu por inteiro a imagem da competência e evidenciou a realidade dos novos tempos que exigem maior produtividade, menores custos com qualidade e, sobretudo, poder de competir na guerra do mercado que derruba fronteiras.

A reforma tarifária, iniciada em 1991, reduziu para a média de 14,2% a alíquota média brasileira de importação. A tarifa modal, que abarca maior número de produtos, ficou em 20% e

a máxima em 35%, níveis que colocam o Brasil em patamares semelhantes aos de seus parceiros comerciais da América Latina, não obstante ainda distante das aplicadas na Comunidade Econômica Européia (CEE), onde a modal é de 9,6% e a máxima pode chegar a 19%. A redução, tanto pior para setores atrasados e não competitivos, ainda não esgotou a reforma tarifária na importação: dia 1º de janeiro de 1994 vai entrar em vigor a tarifa externa comum do Mercosul, recuando para níveis de zero a 20% a tarifa para a maioria dos itens negociados entre Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina. “Adiar e manter o protecionismo para alguns setores é pura ilusão. Quem não se preparou em dois anos e meio vai fazer o que com uma carência de apenas mais seis meses?”, pergunta o empresário Laerte Setubal, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil. “É o preço inexorável do processo de globalização e modernização”, sentencia Setubal.

Esse quadro realista refletiu-se em maior dose de cautela por parte dos empresários, muitos deles preocupados mais em reduzir seus níveis de



Laerte Setubal

ociosidade do que em ampliar investimentos. Mas o BNDES já começa a detectar o crescimento das consultas de financiamentos à indústria. “As empresas recomeçam a desengavetar projetos”, diagnostica Luiz Carlos Delben Leite, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. O maior volume de pedidos contempla, pela ordem, as áreas de indústria mecânica, material elétrico, papel e papelão, produtos farmacêuticos e alimentícios.

Alguns dados têm merecido análises que indicam um ligeiro alento dos negócios como um todo. O INA - Indicador do Nível de Atividades tem revelado pequenos progressos mensais, quando não estável, no Estado de São Paulo. Outro indicador da FIESP é o nível de emprego que, por 24 semanas consecutivas, manteve-se positivo. O IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, numa projeção recente, concluída em junho último, diagnosticou que o Brasil vai encerrar este ano da graça de 1993 com um crescimento de 3,5% no seu Produto Interno Bruto-PIB, indicador que havia sofrido queda de 1% em 92. Se correta a projeção, o crescimento refletirá uma expansão de 1,5% no produto *per capita* brasileiro, o que não ocorre há três anos.

Pelos cálculos do Instituto, a indústria cresce 4,7%, a agropecuária 3% e o setor de serviços 2,6%. Esse trem da recuperação econômica, na visão do IPEA, carrega uma carga de investimento produtivo, refletido no aumento projetado para 10,7% da produção de bens de capital e de 13,2% na de bens de consumo.

Se construída sobre pilas confiáveis será bem-vinda essa ponte que voltará a ligar o país com o crescimento econômico tão ansiado. Ainda mais que, de repente, os economistas do FMI decidiram que a economia brasileira, na realidade, era quase o dobro do que se acreditava, com um Produto Nacional Bruto de US\$ 790 bilhões em vez dos supostos US\$ 450 bilhões. Somos o 9º no *ranking* mundial, sem nenhum milagre. O autor da proeza foi, simplesmente, o novo método de aferição do desempenho econômico posto em prática pelo Fundo, que passou a utilizar a paridade do poder de compra para comparar o desempenho dos países e não mais a simples conversão da moeda nacional para dólares. (Alaôr José Gomes).

Produto Interno Bruto - 1993

PIB e setores de atividades	Observado	Estimado	Previsto	
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
PIB	-1,0	0,1	2,8	3,5
Agropecuária	4,7	3,1	3,1	3,0
lavouras	5,2	3,0	3,1	3,4
produção animal	4,1	3,2	3,0	2,3
Indústria	-3,8	-1,3	3,5	4,7
transformação	-4,0	-1,0	4,7	5,8
construção civil	-5,7	-5,1	-0,3	0,7
demais	-0,4	1,2	1,4	2,7
Serviços	-0,2	0,5	2,0	2,6
comércio	-1,9	0,2	4,8	5,7
transportes	-0,6	1,5	4,8	7,3
demais	0,5	0,5	0,6	0,8

Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIPES

QUALIDADE DÁ TRABALHO, MAS COMPENSA

Três empresas brasileiras - Aracruz, Champion e Riocell - obtiveram a norma ISO-9002, atingindo os mais exigentes padrões internacionais de qualidade. Foi difícil, mas compensador, segundo informam aqui as empresas.

A economia mundial cada vez mais competitiva - nunca é demais repetir - exige que as empresas se empenhem em conquistar níveis de qualidade equivalentes aos melhores que existem nos seus respectivos setores. Só assim terão condições de competitividade, disputando mercados em igualdade com as concorrentes de todo o mundo.

Chegar a esses níveis de qualidade requer esforços de todos, desde a alta direção até os operadores de máquinas, mas tem resultados compensadores a médio e longo prazos, contribuindo para assegurar a manutenção das atividades da empresa, sua competitividade, e os empregos que oferece. Aqui, as três empresas brasileiras do setor que obtiveram a norma ISO 9002 contam o que fizeram para isso, em termos de envolvimento e motivação de todo o seu pessoal, mudanças no processo industrial, investimentos, controle de matérias-primas e outros aspectos. E dão sugestões de como proceder para se chegar a idêntico resultado.

Aracruz

Na Aracruz, o programa iniciou-se com o Treinamento e Motivação para a Qualidade, que incluiu todo o pessoal envolvido direta e indiretamente com a qualidade, desde a presidência até o nível operacional. O treinamento consistiu de um curso básico de carga horária de 16 horas sobre a ISO 9000 e

sobre aspectos motivacionais, iniciando-se em novembro de 1991 e estendendo-se até outubro de 1992. Complementarmente, o pessoal envolvido teve ainda treinamento específico sobre a aplicação das normas em suas respectivas áreas, com carga horária variável, dependendo da complexidade do processo nessas áreas.

Em termos de processo industrial, por ser a Aracruz uma fábrica moderna, não houve necessidade de mudanças significativas; mesmo assim, quando da elaboração das diversas normas a serem obedecidas, aproveitou-se a ocasião para a implantação de pequenas correções e também para adequar e otimizar as diversas operações e atividades.

Certificação de insumos e matérias-primas é indispensável

Da mesma forma, o Sistema de Controle do Processo e da Qualidade em vigor na empresa pouco foi alterado, visto que os resultados que vinha apresentando já eram bastante satisfatórios.

Também no caso de equipamentos não houve necessidade de substituição.

No caso de matérias-primas, procurou-se aumentar o rigor na observação de especificações quando do recebimento, e nenhum insumo ou maté-

ria-prima que possa ter uma interferência na qualidade do produto é recebido sem um certificado de análise. O laboratório da Aracruz realiza verificações periódicas para monitorar os resultados apresentados por esses certificados.

Barreira pode ser o pouco envolvimento e comprometimento do nível gerencial

Os investimentos diretos no programa como um todo foram da ordem de US\$ 320 mil, incluindo toda a documentação, consultoria, treinamento, viagens, divulgação e certificação; se forem considerados outros custos como mão-de-obra, horas extras etc, o valor total alcança a cifra de US\$ 500 mil.

Em todo o processo de implantação do programa, a principal barreira enfrentada pela Aracruz foi o pouco envolvimento/comprometimento do nível gerencial, e que, no caso, foi vencida através de uma campanha promocional em toda a empresa. Foram realizados seminários, workshops, produzidos folhetos, cartazes, vídeos etc, sendo toda a campanha planejada pela Gerência de Garantia da Qualidade, mas operacionalizada pelas respectivas gerências, que a partir de então tiveram uma participação pro-

gressivamente crescente no processo.

Embora a conquista da norma ainda não tenha apresentado reflexos em resultados comerciais, principalmente porque coincidiu com uma retração significativa na demanda internacional de celulose, a Aracruz considera que a situação mudou para melhor: hoje a empresa está muito mais segura em termos de qualidade de seus produtos, e os empregados, em todos os níveis, são mais participativos e conscientes da importância de se ter processos e atividades normatizados e controlados. Além disso, a empresa assinala que vêm crescendo as solicitações de informações referentes ao seu *status* com relação ao processo de implantação da ISO-9000.

As sugestões da Aracruz para as empresas: é aconselhável, em primeiro lugar, fixar-se em um único projeto de cada vez, evitando-se dispersão de esforços para implantar diversas ferramentas e técnicas ao mesmo tempo. No seu caso, a Aracruz optou por começar pela Certificação na ISO 9002 mais Assistência Técnica, e em um segundo estágio iniciar com o Programa de Gestão da Qualidade, com todas as técnicas e ferramentas a ela inerentes.

Champion

A Champion começou o trabalho criando um grupo gerencial estratégico formado por 10 pessoas, para aprofundar o conhecimento sobre as normas ISO-9000. Esse grupo elegeu um coordenador que, em conjunto com a consultoria contratada, deu treinamento a 19 funcionários de diferentes setores, os quais, por sua vez, foram os responsáveis pela conscientização e motivação dos demais funcionários.

O processo industrial, à medida que os envolvidos no programa procediam à elaboração das normas, sofreu aperfeiçoamentos em alguns dos mé-

todos empregados. Isso foi particularmente útil na melhoria do Sistema de Qualidade que, de uma situação em que dependia de conhecimentos individuais especializados para treinamento e ações corretivas, passou a ser documentado e normatizado, permitindo a sua aplicação mesmo pelos não especialistas.

Em termos de equipamentos, a implantação do sistema de qualidade não apresentou nenhuma solicitação que já não estivesse no ciclo normal da empresa para esse aspecto.

Para a questão da qualidade da matéria-prima, a Champion introduziu novas técnicas estatísticas para os ensaios, e além disso repassou aos seus fornecedores as normas e métodos relativos a seus respectivos fornecimentos. Os fornecedores, depois disso, tiveram seu desempenho avaliado e os aprovados receberam certificação da Divisão de Materiais da empresa.

Primeiro passo: conhecer e interpretar as normas ISO-9000

O investimento direto feito pela Champion para implantação do sistema de qualidade foi da ordem de US\$ 200 mil, incluindo consultoria contratada e auditoria de avaliação do sistema; a empresa não estimou custos indiretos.

As dificuldades enfrentadas pela Champion foram, em primeiro lugar, aprofundar o conhecimento e a interpretação da série de normas ISO-9000, o que só foi possível com a contratação de uma consultoria externa. Em segundo lugar, a criação de uma estrutura para dar suporte aos 19 funcionários encarregados da interpretação e implementação dos procedimentos. Por fim, a parte mais trabalhosa e problemática foi na aferição de

instrumentos e no estabelecimento de padrões, uma vez que a empresa teve dificuldades em obter, dos organismos credenciados, laudos em menos de três meses.

Também a Champion ainda não pode apresentar resultados concretos de retorno, estando ainda na fase de divulgação da obtenção da norma.

Contratar uma auditoria externa pode ser de grande ajuda

As sugestões da Champion são: em primeiro lugar, considerar a norma ISO-9001-Assistência Técnica, a mais adequada às suas atividades, não como uma meta em si, mas como um primeiro passo na caminhada rumo à gestão da qualidade total; em segundo lugar, considerar a contratação de uma consultoria externa, em função do estágio em que a empresa se encontra no conhecimento do assunto; e em terceiro lugar, se a empresa é exportadora, considerar a contratação de uma auditoria acreditada pelos importadores.

Riocell

A Riocell chamou seu programa de Projeto ISO-9000, e iniciou seu trabalho com um seminário obrigatório para o quadro estratégico da empresa, sobre "Unificação de conceitos sobre normas ISO série 9000". A seguir, foram realizados cursos e seminários, ministrados por consultores externos e pessoal da própria empresa, alguns deles atingindo todo o quadro de funcionários. Paralelamente, foi feita uma intensa divulgação por meio de vídeo institucional e elaboração de frases alusivas ao programa, e também uma pesquisa sobre Comunicação.

Na parte de processo, houve a efetiva implementação de documentos técnicos, sendo elaborados mais de 1.100 deles abrangendo os mais diversos aspectos, visando a adequação e a conformidade aos requisitos normativos; o processo propriamente dito não sofreu alterações sensíveis.

*Mudar conceitos,
mais do que mudar
máquinas, equipamentos
ou processos*

Igualmente, no Sistema de Qualidade as alterações foram poucas, basicamente na intensificação e expansão dos conceitos de qualidade para todas as atividades da empresa.

Para o controle da matéria-prima, a Riocell promoveu a racionalização de parâmetros a serem analisados quando do recebimento e passou a exigir de seus fornecedores certificados de qualidade, com acompanhamento sistemático. Além disso, implantou um processo de auditoria externa em fornecedores.

O investimento global feito pela Riocell no Projeto ISO 9000 foi de US\$ 680 mil em custos diretos e indiretos, inclusive a reestruturação de seus laboratórios nos setores Elétrico e Instrumentação, contratação de consultoria externa, horas extras, elaboração de documentos, passagens e estadas, desenvolvimento de sistemas de computador etc.

*Contabilizar resultados
deve incluir aqueles
que são intangíveis*

Como no caso da Aracruz e Champion, a Riocell ainda não teve

tempo de obter resultados comerciais do seu investimento no Projeto ISO 9000, mas considera como fato inegável que a obtenção da certificação consolida sua posição. A empresa está divulgando a conquista da norma junto a agentes e clientes.

Dentre as dificuldades enfrentadas, a Riocell destaca a inércia inicial para o efetivo desenvolvimento do processo, e que foi vencida por uma campanha de motivação; a questão das desigualdades conceituais; a resistência natural às mudanças; a concorrência do Projeto ISO 9000 com outros

programas e atividades normais da empresa, e o apoio logístico a ser oferecido aos encarregados da execução do programa.

Se significativos resultados tangíveis ainda não ocorreram, a Riocell destaca resultados intangíveis decorrentes do Projeto ISO 9000, tais como: imagem da empresa, organização interna quanto a padronização de procedimentos, mobilização global dos funcionários, consolidação do *know-how* técnico e de mercados, e estreitamento das relações entre cliente-fornecedor, (desenvolvimento de parceria).

Seminário em Curitiba discutiu a qualidade

A ANFPC promoveu o Seminário Qualidade, realizado na sede do Simpapel em Curitiba, com a presença de 37 pessoas, sendo essa a primeira vez em que as três primeiras empresas do setor de papel e celulose que obtiveram a norma apresentaram suas experiências.

Pela Riocell a exposição esteve a cargo do seu diretor Luiz Antonio Coimbra, que deixou claro que a certificação foi apenas uma das conseqüências de um modelo de gestão avançado, grandemente participativo, com apenas três níveis hierárquicos e fortemente apoiado pela direção.

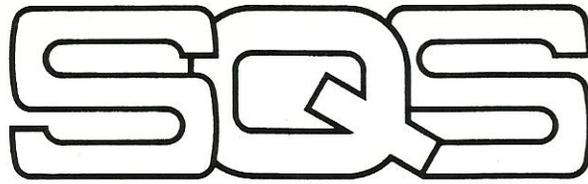
Representando a Aracruz falou Paulo César Guimarães, responsável pelos sistemas de Qualidade, explicando que a certificação foi o passo inicial para decolar um sistema de qualidade para toda a empresa. Uma operação quase militar possibilitou uma mudança radical no comportamento das pessoas envolvidas, ativamente o processo até a certificação num período curtíssimo.

O caso da Champion, primeiro fabricante brasileiro de papel a obter

a certificação, foi relatado por Newton Scavone Augusto, que falou do processo de envolvimento dos vários grupos, da constituição da equipe de 19 auditores-diligenciadores internos, e da próxima extensão dos critérios de Qualidade Total dentro da Champion.

Encerrando a reunião, Maurício Szacher expôs as transformações que a Qualidade vem promovendo dentro do Grupo Industrial Trombini, como forte catalisador ao processo de gestão hoje adotado pela Trombini Papel e Embalagens, comentando os índices excelentes que vêm sendo obtidos quanto a produtividade, giro de pessoal e qualidade final do produto.

Das exposições feitas durante o seminário, ficou patente que a preocupação com a Qualidade deve ser encarada como um sistema que atinge a empresa como um todo, buscando melhorias em cada fase da operação, permitindo que cada participante sinta a sua importância, execute as ações necessárias e compreenda o processo como um todo.



**Schweizerische Vereinigung
für Qualitätssicherungs-Zertifikate
Associação Suíça para
Certificados de Garantia da Qualidade**

A SQS certifica que a empresa abaixo mencionada dispõe de um sistema da qualidade segundo as normas internacionais de gestão da qualidade e sistemas da qualidade (séries ISO 9000/EN 29000) e, com base nas constatações da auditoria para certificação, atribuí à empresa

Ciba-Geigy AG, Basel
Divisão Química
Sector Detergentes, Cosmética & Papel

o Certificado SQS, categoria ISO 9001/EN 29001

Na auditoria para certificação que a SQS realizou foi constatado que o sistema da qualidade é completo e apropriado, sendo mantido e aplicado, e está em conformidade com os requisitos das normas internacionais acima mencionadas.

A validade deste certificado SQS é de 3 anos.

Zollikofen, 15 de abril de 1993

Este certificado SQS é válido até 14 de abril de 1996 (inclusive)

Número de Registo 10671-01

O Secretariado:

O Conselho de Administração:

Director Geral
da SQS

Presidente
da SQS

Membro do Conselho
de Administração da SQS

PREOCUPAÇÕES ECOLÓGICAS OU BARREIRAS COMERCIAIS?

A Comunidade Econômica Européia, pressionada pelos movimentos ambientalistas, estuda a criação de uma "eco-taxa" para diversos produtos, entre eles a celulose e o papel, a ser imposta conforme o percentual de material reciclado nesses produtos. O Brasil reage.

Os movimentos ambientalistas contam hoje, em todo o mundo, com mais de 50 milhões de membros, dos quais 11 milhões estão nos três principais grupos - Greenpeace, WWF e Friends of the Earth - os quais têm um orçamento que, em conjunto, vai a mais de 400 milhões de dólares anuais.

Essa massa crítica de recursos financeiros e de ativa atuação cria pressões que se refletem nos governos e nos consumidores, que, ao optarem pela compra de um produto, levam em conta também os aspectos ambientais envolvidos naquele produto. De uma situação anterior, em que se considerava apenas a poluição industrial na

de criação de restrições que podem afetar o comércio entre as nações, tornando a questão do meio ambiente um fator de competição e influência no comércio.

Celulose brasileira

No Brasil, a ABECEL - Associação Brasileira de Exportadores de Celulose é a entidade que congrega as empresas produtoras de celulose de mercado, sendo seus membros Aracruz Celulose, a Bahia Sul, Cenibra, Cia. Florestal Monte Dourado e Riocell. Estas empresas foram responsáveis, em 1992, pela produção de 2,1 milhões de toneladas de celulose, gerando 23 mil empregos diretos. Dessa produção, 78% foram destinadas ao mercado externo, carreando divisas da ordem de 750 milhões de dólares, e com a seguinte distribuição: Europa, 38%; América do Norte, 31%; Ásia/Oceania, 28%; América Latina, 3%.

A proteção ao meio ambiente é uma das prioridades das empresas associadas à ABECEL, conforme explica o coordenador do Comitê de Meio Ambiente da entidade, Carlos Alberto de Oliveira Roxo: "A celulose produzida por essas empresas provém de florestas plantadas pelas próprias empresas ou por terceiros, num sistema de plantio que obedece a conceitos de manejo sustentável, com a interca-

lação entre florestas industriais e matas nativas, que garantem um meio ambiente equilibrado e harmônico. As fábricas, por sua vez, são dotadas de modernas tecnologias industriais e avançados sistemas de controle de poluição, que asseguram o atendimento a estritos padrões ambientais internacionais."

Mesmo mantendo alto desempenho na preservação ambiental, as empresas brasileiras de celulose vêm encontrando crescentes ameaças de barreiras comerciais, sob o disfarce de exigências ambientais. Entre essas barreiras, figuram o selo ecológico da Comunidade Econômica Européia, a proposta da Diretiva da CEE sobre embalagens e resíduos de embalagens, e a eco-taxa da Bélgica.

Selo ecológico

O Conselho da CEE instituiu o selo ecológico válido para a comunidade, destinado a identificar produtos com impacto ambiental reduzido durante o seu ciclo de vida. A mecânica de implantação do selo envolve diversas etapas, como o desenvolvimento de critérios por grupos de trabalho multissetoriais, a aprovação desses critérios pela CEE e a sua concessão pelos organismos de cada país.

Em uma primeira etapa estão sendo considerados critérios para os se

As questões ambientais tornam-se fator de competição e influência no comércio

fase de produção, o movimento evoluiu para considerar os impactos ambientais em todo o ciclo de um produto, desde a obtenção das matérias-primas nele utilizadas até o seu descarte após o uso.

Da parte dos governos, o movimento vem sendo absorvido na forma

guintes produtos: papéis, têxteis, materiais isolantes, tintas e vernizes, baterias, *shampoos*, detergentes e produtos de limpeza doméstica, embalagens, refrigerantes, azulejos, máquinas de lavar, *sprays* de cabelo, desodorantes e condicionadores de solo.

Os critérios para papéis já estão em estágio avançado de discussão, cobrindo todo o ciclo de produção, inclusive celulose. Com base nesses critérios, o selo poderá ser concedido

Discussão de critérios restrita aos membros da CEE preocupa os países exportadores

a papéis produzidos na Europa ou importados, ou ainda que tenham apenas celulose importada.

O problema é que, embora o selo se aplique a produtos fabricados por qualquer país, os critérios estão sendo discutidos apenas por representantes da própria CEE, sem qualquer espaço para a participação de representantes dos países exportadores. Os critérios aprovados até agora beneficiam nitidamente os produtores europeus de papéis reciclados.

Embalagens

A proposta relativa a embalagens e resíduos de embalagens fixa a meta de 60% de reciclagem ou reaproveitamento das embalagens usadas. A fixação de cotas de caráter geral, sem consideração de custos ou benefícios ambientais, pode levar a distorções na comercialização dos produtos, sendo a mais evidente o favorecimento aos produtores da própria CEE, que terão maiores facilidades para promover a reutilização ou o reaproveitamento das embalagens.

No caso específico do papel, a proposta beneficiará os produtores de papéis reciclados da CEE, em detrimento dos produtores de celulose, sejam europeus ou não, e os produtores de papel estrangeiros. Também nesse caso, apesar das questões comerciais envolvidas, a discussão da proposta está sendo feita no âmbito estrito da CEE, sem participação dos países exportadores.

Eco-taxa

Num acordo com os partidos ligados ao movimento ambientalista para introduzir reformas em sua constituição, a Bélgica está estudando a criação de uma eco-taxa para diversos produtos, que objetiva incentivar a reciclagem.

No que se refere a papéis, a proposta cria uma sobretaxa de até 10 mil francos belgas (cerca de 296 dólares) por tonelada de papel, aplicável a papel jornal, papéis sanitários, papéis de copiadoras e de imprimir, papelão e materiais corrugados. Estima-se que esta taxa provoque aumentos superiores a 33% para papéis de imprimir e a 50% para papéis de jornal.

Ficariam isentos dessa sobretaxa os papéis que tenham um teor mínimo de fibras recicladas, variando de 15% para papéis sanitários a 80% para papéis de copiadoras e de imprimir. A taxa entraria em vigor no próximo ano e seria aplicada a produtos importados ou doméstico, mas não aos produtos exportados pela Bélgica; com os critérios de isenção adotados, apenas 10% dos papéis produzidos na Bélgica seriam taxados, enquanto que 50% dos importados seriam afetados.

A própria CEPI-Confederation of European Paper Industries considerou essa proposta intervencionista, protecionista e contrária aos princípios do mercado comum e do GATT, e que os níveis de reciclagem propostos são desnecessários, arbitrários e impossíveis

de serem fiscalizados. Ao nível da CEE, a CEPI sugeriu que a comunidade intervenha e rejeite a proposta, caso venha a ser aprovada pelo governo belga.

As exportações brasileiras de celulose para a Bélgica foram de apenas 33 mil toneladas em 1992, porém, mais importante do que o volume exportado é a ameaça de introdução de um princípio que, se estendido a outros países, pode prejudicar seriamente as exportações brasileiras. Existem rumores, por exemplo, de que a CEE estaria estudando a criação de uma taxa similar a nível comunitário.

Carta do Rio

A utilização de barreiras não tarifárias, sob justificativas ambientais, foi expressamente condenada no Princípio 12 da Carta do Rio, assinada durante a ECO-92 por todos os países participantes. Com base nisso, o governo e as entidades representativas do setor, no Brasil, devem se mobilizar para, conjuntamente, enfrentar essa ameaça.

Brasil inicia gestões junto às Nações Unidas para abrir a discussão do tema

Algumas providências já estão sendo tomadas, com o Brasil apresentando a questão para discussão junto ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, e iniciando gestões para abrir a discussão e permitir que os países exportadores participem da definição dos critérios a serem adotados.

Nesse sentido, estarão sendo acionadas a missão brasileira junto à CEE, o Ministério das Relações Exteriores e a própria CEPI, visando impedir que motivos ambientais sejam usados como barreiras comerciais.

“O QUE SOBRA SÃO OS VALORES ESPIRITUAIS”

Boris Tabacof dispensa o figurino tradicional do executivo-empresário brasileiro, aquele homem de terno e gravata Hermès que está sempre subindo e descendo de jatinhos, se desmancha por uma coluna social e leva uma vida de rei, rodeado de glamour por todos os lados.

Texto de Célia Chaim



Boris Tabacof, ex-diretor-superintendente da Bahia Sul Celulose S.A., a segunda maior produtora de celulose do país, e atual membro do Conselho de Administração da empresa, adora trabalhar, mas não faz o gênero workaholic como alguns de seus pares. É viciado, sim, em bons livros e música de primeira qualidade. Engenheiro, transformou-se num administrador de primeira sem nunca ter perdido tempo lendo as bobagens que viram *best sellers* e prometem ensinar os segredos da administração. Tabacof admite que a profissão que escolheu no início dos anos 70, quando deixou uma carreira política na Bahia para recomeçar sua vida em São Paulo, é bem remunerada. Mas o dia-a-dia é pesado, o trabalho é estressante e a aposentadoria, para quem não se preveniu, quase sempre é um pesadelo. “Tem muita fantasia em torno da figura do executivo”, comenta.

Trabalhando, ele conseguiu comprar terras em Goiás e se livrar da síndrome da aposentadoria, um problema que o Brasil parece longe de resolver. Mas acumular bens não é sua maior preocupação na vida. Quando não está trabalhando, Boris Tabacof, pai de três psicólogas, um consultor na área de Recursos Humanos e um médico, corre para casa para curtir a família, ouvir música e ler muito

É nos livros - de história, literatura, ciência e religião - que ele se abastece

para viver a vida livre da aflição de querer participar de rituais sociais. É nos livros, também, que este baiano de 63 anos, filho de imigrantes russos de classe média, encontra o que chama de “calma filosófica”. “Para que essa correria, esse desespero pelo brilho social, pelo poder, se o que sobra são os valores espirituais?”, pergunta.

Num país em que a purpurina tem peso de ouro, Boris Tabacof poderia parecer puritano e rabugento. Ao contrário. Na empresa, ele defende a idéia de que uma das missões mais importantes da alta administração é abrir espaço para os mais jovens. Na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, onde atua como diretor, aprendeu a respeitar Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, como uma das mais importantes lideranças sindicais do país. Em casa, é um pai que não troca nenhum programa por um longo bate-papo com os filhos

Boris Tabacof quase virou construtor no começo de sua vida profis-

sional. Quando cursava engenharia, no quarto ano, abriu uma empresa de construção. Foi nessa época que, ainda garotão, convenceu Mamede Paes Mendonça a abrir seu primeiro supermercado, no térreo de um edifício que construiu no bairro de Nazaré, em Salvador, em 1958. Por influência de amigos, entrou para a vida pública, atuando como secretário da Fazenda nos governos de Lomanto Júnior e Vianna Filho. Orgulha-se de ter participado da implantação do Centro Industrial de Aratu e do Pólo Petroquímico de Camaçari. “Sinto uma atração muito grande pela atividade pública, mas a minha vida me levou para um rumo diferente.”

Sorte de São Paulo, azar da política. Boris Tabacof, ex-presidente do Banespa, leva a administração pública com uma seriedade espartana. “Não há apelo nenhum para se roubar na vida pública. É preciso se organizar para roubar”, conta. Ou seja, quem rouba quando está no poder comete um crime premeditado. Ele tem a receita para acabar com essa bagunça: uma reação veemente da sociedade brasileira. “Não por puritanismo, mas por uma questão de cidadania. A sociedade só controla e reprime a corrupção instalada na área estatal se ela tiver consciência da cidadania”. Essa, para ele, é a grande diferença entre o Brasil e o Primeiro Mundo. “O resto é consequência.”

Quais as perspectivas do setor de papel e celulose?

-O setor passa por uma fase cíclica de baixa que pode durar mais algum tempo que não será longo. Logo, logo, o ciclo se inverte. Não me atrevo a fazer previsões, mas me refiro especificamente a preços e é nesse sentido que me sinto à vontade para afirmar que vamos voltar a ser uma atividade remuneradora para a indústria. Acho que o potencial do mercado brasileiro é extraordinário. E basta olhar o nosso consumo per capita para chegar a essa conclusão. É de 30 kg/ano, um índice baixíssimo, mais baixo do que o de 1980 e insignificante perto da média dos Estados Unidos, dez vezes maior. Também por essa razão, qualquer respiro na retomada do desenvolvimento cria um espaço de demanda enorme.

“Muito pior que a inflação é mudar as regras todos os dias.”

O plano do governo Itamar Franco vem enfrentando muitas críticas. O senhor faz parte desse coro?

-Eu achei bom. Não defendo choques e mágicas. Esse plano deu uma boa sinalização pelo que ele não é. Não é golpista nem intervencionista, não pretende fazer mágica e choques para resolver o problema da inflação. Os sinais que emite são importantes do ponto de vista psicológico. Se você prestar atenção aos detalhes, os recursos prometidos são escassos, sequer estão assegurados, mas o importante é que o governo sinalizou que não quer recessão. Eu não posso defender inflação, mas muito pior do que a inflação é mudar a regra todos os dias, naquele estilo confisca, empacota, congela. Isto é muito mais negativo para os investimentos. A gente

não se dá conta de que até há poucos dias a recessão era a política do governo. Quando o governo sinaliza em outra direção, vêm os economistas que se revezavam no poder e, com a maior cara-de-pau, começam a falar de desemprego. Acho que o plano não vai resolver a situação de imediato, mas tem coisas interessantes.

“Não acredito nessa história de que o mercado resolve tudo, de que tudo é o mercado.”

Em sua opinião, qual o papel que o Estado deve desempenhar na economia?

- Sou contra os chamados neoliberais. Acho que o Estado tem um papel a cumprir no direcionamento geral, criando estímulos, sinalizando que a sociedade quer investimentos, fazendo uma interface com as empresas - como existe no Japão -, administrando a abertura do mercado. Não acredito nessa história de que o mercado resolve tudo, de que tudo é o mercado.

Essa não é a opinião de seus colegas da Fiesp, o “clube do Boliinha” dos conservadores...

- Não é mais um “clube do Boliinha”. A Fiesp já tem algumas poucas mulheres. Mas é uma instituição eminentemente masculina, refletindo o que é o empresariado. A Fiesp está ficando mais parecida com o Carlos Eduardo Moreira Ferreira do que com o Mário Amato. O Amato é uma figura carismática, sem grandes estudos, um grande improvisador. Sempre aproveitou oportunidades - com alguma coragem até - para fazer declarações que davam a ele uma mídia garantida. Na gestão dele, a Fiesp, que é eminentemente presidencialista, teve essa característica acentuada. A institui-

ção se confundia com o Mário. O Carlos Eduardo mudou essa característica. Ele é mais formal, menos improvisador, mas a grande diferença é que a Fiesp está se organizando mais, embora seja ainda muito presidencialista. Ainda assim, Carlos Eduardo tem dado muita força aos departamentos.

Mas a Fiesp é ou não uma entidade conservadora?

- Tem alguns mitos que cercam a Fiesp e um deles é esse. E eu me atrevo a dizer que a Fiesp é progressista. Atuo na Fiesp há muitos anos e percebo como mudou de maneira muito significativa o enfoque da questão salarial, por exemplo. Tempos atrás, a Fiesp tinha aquele ranço patronal. O raciocínio era mais ou menos o seguinte: “Aumento de salário, sou contra; sindicato, essa gente aí está querendo criar caso”. Isso mudou demais e foi-se criando uma mentalidade de que salário é custo para a empresa, mas também é mercado para a indústria. Essa mudança importante ocorreu nos últimos cinco, seis anos.

“Acabou a visão de que é preciso ser contra qualquer aumento de salário.”

O senhor concorda que os líderes sindicais desempenharam um papel importante nesse sentido?

- Acho que sim. O Vicentinho, por exemplo, é muito respeitado lá dentro. Acabou aquela visão antiquada de que todos são comunistas e que é preciso ser contra qualquer aumento de salário. Por outro lado, o movimento sindical amadureceu muito. A CUT mudou muito. A ideologia que prevalecia na CUT era de que o movimento sindical era um caminho para mobilizar o proletariado para derrubar a burguesia e tomar o poder. Até para negociar numa

boa com o patrão era complicado. Isso mudou.

“Acho o Vicentinho uma figura interessante, pelo pouco que o conheço.”

Qual o líder sindical que o senhor mais admira?

- Dos que têm circulado por aí, pela capacidade de liderança, capacidade de concatenar idéias, é o Vicentinho. Acho o Vicentinho uma figura muito interessante, pelo pouco que eu o conheço. Houve uma reunião histórica na Fiesp, nos primórdios daqueles acordos automobilísticos, em que discursaram Dorothea Werneck, o pessoal da Anfavea e, pelo lado dos metalúrgicos, o Vicentinho. Foi uma longa sessão de discursos. O Vicentinho foi o que se saiu melhor. Não pelo aspecto de oratória. Ele é muito firme, tem uma cabeça muito clara.

O que o senhor acha de Jair Meneghelli, presidente da CUT, e de Luiz Antonio Medeiros, presidente da Força Sindical?

- Conheço pouco o Meneghelli. Acho que como presidente da CUT ele está em fim de carreira. Imagino que vá tentar algo na carreira política. O Medeiros, por sua vez, é muito político, tem muita **cancha** e acaba se descaracterizando como líder sindical. A gente sente que ele está muito voltado para o lado político.

Como o senhor entrou nesse mundo empresarial?

- Não vou ficar fazendo charme, não. Eu poderia ter seguido a carreira pública, mas os ganhos são muito modestos e achei que tinha que ter uma atividade profissional para viver bem, ter conforto, uma vida com qualidade. Não vou ficar fazendo outro tipo de discurso.

O senhor está dizendo que a vida do executivo é dura?

- É muito pesada. É uma profissão estressante, pesada. Os executivos tomam decisões no dia-a-dia, mas as decisões estratégicas são tomadas pelos conselhos de administração. O que estressa o executivo é o dia-a-dia. Hoje estou menos executivo. Estou numa fase da minha carreira em que estou abrindo espaço para os mais jovens. Eu já tinha feito isso na Suzano e estou fazendo na Bahia Sul.

“Tudo isso é um grande mito, criado pelas novelas, agências de publicidade.”

E o glamour da profissão, não existe?

- Muitas pessoas não se dão conta de que essa é uma profissão nova no Brasil. Hoje é a coisa mais corriqueira, os jornais falam todos os dias dessa profissão “cheia de charme, jatinhos, passeios, bares, mulheres bonitas”. Tudo isso é um grande mito, criado pelas novelas, agências de publicidade. Tem muito mito nessa história.

Mas o executivo brasileiro ganha muito bem e, pelo menos nesse sentido, o estereótipo faz sentido.



- Ganha, sim. As grandes empresas pagam de acordo com o padrão internacional. O padrão brasileiro é comparável ao padrão europeu.

O senhor tem algum filho que seguiu sua carreira?

- Tenho cinco filhos, dois homens e três mulheres. As minhas três filhas são psicólogas. Entre os filhos, um trabalha numa consultoria de Recursos Humanos e outro médico. Não tive nenhuma influência na carreira deles, mas reconheço que a imagem que o empresário-executivo tem junto aos jovens não é muito positiva, o que deve tê-los afastado da carreira do pai.

Por que o senhor acha isso?

- Pela qualidade de vida, stress contínuo, falta de liberdade. Por mais que se diga “eu jogo tênis” etc. e tal, eu pergunto, e daí? A vida dele é ruim. Eu não faço as coisas que eu gosto porque não tenho tempo. Não adianta você participar de seminários para organizar seu tempo. Você não é dono de seu tempo, esse é que é o problema. Há uma solicitação externa muito grande, muitas reuniões.

O senhor teve tempo de fazer aquelas coisas que os pais tradicionais fazem, como levar os filhos para a escola, ao pediatra?

- Não, mas isso não tem importância. Assim como eu não acho que qualidade de vida é sair jogando tênis, ser bom pai não é levar o filho ao pediatra. Tive e tenho um convívio muito bom com meus filhos. Há uma preocupação muito grande minha e de minha família com valores humanitários, espirituais, com a missão do homem neste mundo. A gente conversa muito sobre essas coisas. Talvez por isso meus filhos tenham seguido carreiras diferentes. No mundo empresarial, a medida do sucesso é o resultado econômico. Eu acho que a empresa tem valores outros que não são medidos por dólar, mas do ponto de vista estritamente empresarial sucesso é isso. Acho até que uma empresa que tem valores significativos é mais prós-

pera. Mas esse não é o objetivo. Então, na minha família, nas intermináveis discussões filosóficas que tive e tenho com meus filhos, esse padrão do sucesso econômico-financeiro não prevaleceu.

Qual é sua religião?

- É a religião judaica, com uma conotação espiritualista muito forte.

“A empresa tem valores outros que não são medidos por dólar.”



O senhor tem tempo para ler?

- Minha principal atividade fora do trabalho é ler. Leio de tudo, literatura, os livros que estão na moda na literatura nacional e internacional, história de todos os períodos.

Esses livros teóricos de administração o senhor também lê?

- Não, isso eu não leio, não. Mas, no geral, leio muito. Saio pouco de casa quando não tenho obrigação social. Leio e ouço música. Nós somos herdeiros da História, se a gente não conhece História não sabe quem é e para onde vai. Outro aspecto positivo da leitura de História é que proporciona calma filosófica. Você vê essas pessoas nas colunas sociais, naquele afã festivo, aquele cerimonial, as pessoas lutando desesperadamente para fazer um ritual social qualquer. Aí, chega de noite e eu vou ler qualquer coisa sobre o rei Luís XV e vejo como tudo isso é tão pequenininho. O rei Luís XV acabou, não ficou nada. Prá que essa correria, esse desespero pelo brilho social, pelo poder? O que sobra são os valores espirituais. Mozart, quando se apresentava nos palácios de seus patronos, comia com os empregados na cozinha. Os patronos de Mozart já foram esquecidos. Alguns não o foram porque Mozart dedicou a

eles alguma obra. Aqueles príncipes importantes, poderosos, sumiram.

O senhor organiza sua leitura?

- Não, faço essas leituras de uma maneira desordenada. Também estou lendo muito sobre as relações da ciência com a religião. Tem muita coisa importante acontecendo, enós estamos tão distantes, nesse joguinho miúdo. O Brasil está tão miúdo, tão pobre! Essa massa de informação deturpada da televisão, da novela... Eu não estou querendo ficar numa atitude negativa, à margem. Procuo acompanhar, mas está muito ruim. O problema brasileiro está no psiquismo do brasileiro, que passa por uma crise muito grande.

Sua carreira no mundo dos negócios foi antecedida de uma longa passagem pela política na Bahia. O senhor gostaria de ser político?

“O Brasil está tão pobre, tão miúdo!”

- Eu gosto. Sinto uma atração grande pela atividade pública, mas a minha vida me levou para um rumo diferente.

O senhor conheceu o poder bem de perto. Roubar, quando se está lá dentro, é muito fácil, como imagina quem está aqui fora?

- Não, eu acho que não. Não há nenhum apelo para roubar na vida pública. Precisa se organizar para roubar. O roubo, o desfalque, o desvio são manipulados, estruturados, trabalhados. Não é verdade que isso é quase um estado natural. As regras formais são boas. Os caras que roubam se estruturam. E a sociedade brasileira

“O brasileiro precisa ter noção de cidadania, tem que reclamar.”

não reage com veemência a essas coisas. Não por puritanismo, mas por uma questão de cidadania. A sociedade só controla e reprime a corrupção instalada na área estatal se tiver um conceito de cidadania. Não é natural colocar os parentes todos lá nem transformar coisas públicas em coisas privadas. O brasileiro precisa ter noção de cidadania, tem que reclamar. A nossa história é muito deprimente, uma longa história de colonialismo, de escravagismo, de aceitar tudo o que vem de cima. Essa, para mim, é a diferença do Brasil e do Primeiro Mundo. O problema econômico, político, se resolve por consequência.

PRODUÇÃO E QUALIDADE, ARMAS CONTRA A CRISE

O Grupo Klabin inaugura uma nova fábrica de papel "tissue", com a maior e mais moderna máquina da América Latina. Objetivo é ampliar a participação no mercado interno e aumentar as exportações.

Um projeto de investimentos da ordem de US\$ 300 milhões, elaborado pela Papel e Celulose Catarinense S.A.-PCC, chega à sua segunda fase com a inauguração, na unidade fabril de Correia Pinto (SC), de uma nova máquina para produzir 60.000 toneladas anuais de papel "tissue". Compareceram à cerimônia de inauguração o governador de Santa Catarina, Vilson Kleinübing, o prefeito de Correia Pinto, Antonio Hames, empresários e outras personalidades, como o ex-prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, além de dirigentes do Grupo Klabin.

Com esse investimento, o Grupo Klabin aumenta em 50% sua capacidade de produção nessa área e, graças à qualidade que a moderna tecnologia permite alcançar, vai ampliar de 24% para 30% sua participação no mercado brasileiro, e exportar 30% da produção de 60 mil toneladas anuais.

A nova fábrica está instalada num terreno de 700 mil m² e ocupa uma área construída de 50 mil m², incorporando avançada tecnologia através de equipamentos e sistemas de última geração, tanto no processo produtivo como na proteção ao meio ambiente. Esses equipamentos incluem a unidade de pré-branqueamento de celulose com oxigênio em vez de cloro, e a estação de tratamento de efluentes, que foi redimensionada, em 1991, para atender à nova unidade.

"Naquele ano, para uma produção média de 320 toneladas/dia, a

carga poluidora era equivalente à de uma cidade de 25 mil habitantes", informa o diretor industrial, Luiz Moraes Breve.

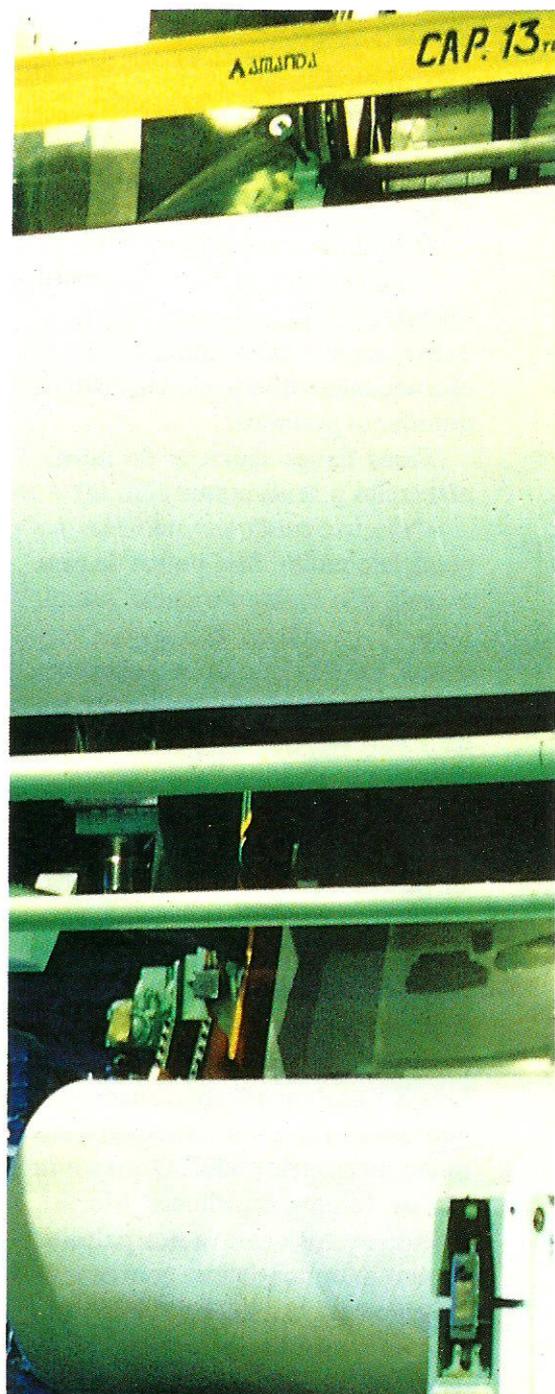
"Com a ampliação da estação, a carga poluidora foi reduzida cerca de 15 vezes, mesmo com um aumento de 49% na produção." O total de investimentos da PCC na estação de tratamento e outros cuidados com a preservação do meio ambiente já alcança US\$ 20 milhões.

São 450 os novos empregos gerados, numa fábrica onde o menor salário corresponde a cerca de US\$ 230 e o salário médio é de US\$ 650, segundo informa a empresa.

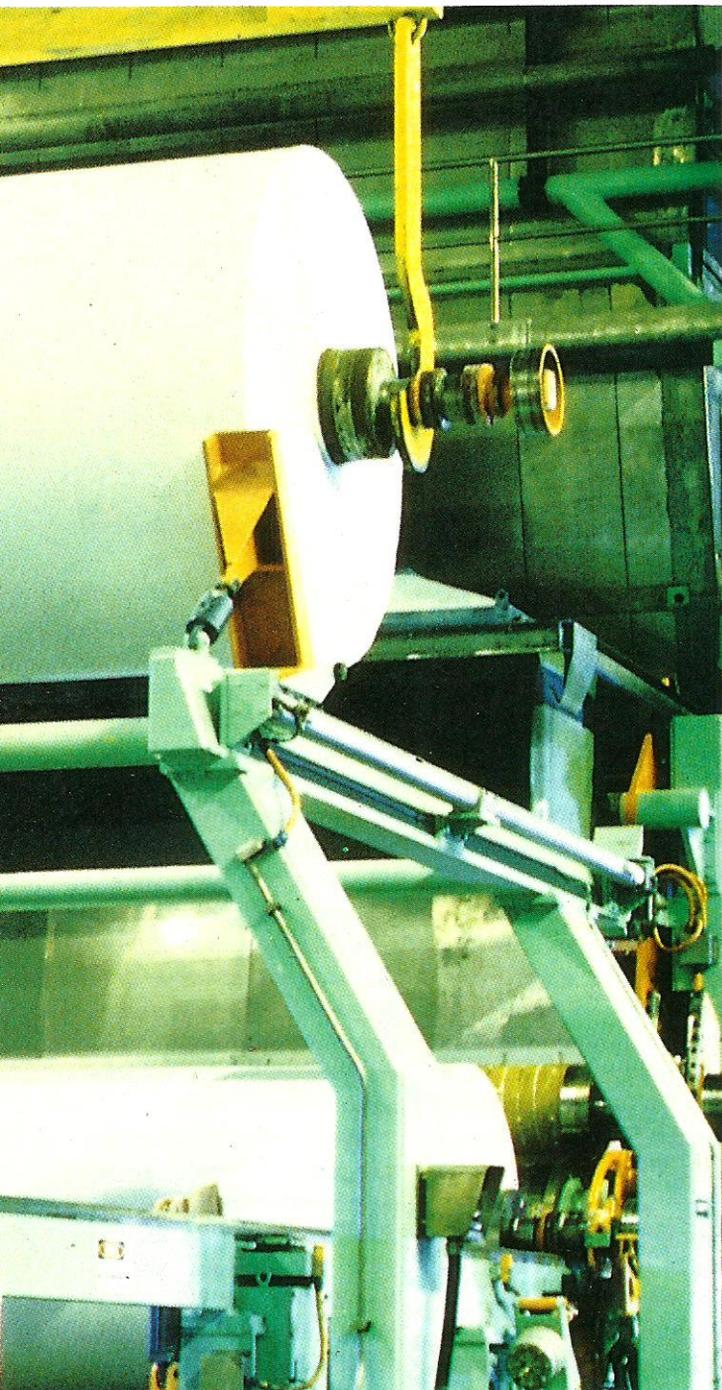
Tecnologia

A nova fábrica tem como "estrela" a máquina de papel Beloit, construída em São Paulo com tecnologia alemã, e que sozinha custou US\$ 50 milhões. A máquina é totalmente informatizada, contando inclusive com um "scanner" a laser para controle de qualidade do papel, e é a única no Brasil a usar o processo "crescent former", que forma a folha entre uma tela e um filtro, o que torna o papel macio como tecido.

Outra característica é a produção da folha em duas camadas, uma de celulose de fibra longa, mais resistente, e outra de fibra curta, mais macia; quando se trata de folha dupla, as duas camadas de fibra longa ficam no meio, conferindo resistência, e as



A nova máquina de papel "tissue" instalada na PCC requereu investimento de US\$ 50 milhões e incorpora a mais moderna tecnologia. A produção para exportação será em grandes bobinas, para processamento a ser feito pelo importador.



de fibra curta na parte externa, conferindo maciez ao papel.

A máquina produz bobinas com 5m40 de largura, com um peso de 10 toneladas, as quais são em seguida encaminhadas para o processamento que irá transformar o papel em guardanapos, papel higiênico, lenços ou papel toalha; para exportação, seguem as próprias bobinas, que serão processadas pelo importador. Segundo técnicos da empresa, esta é a única forma de chegar a preços competitivos na exportação de papéis "tissue". Todo o controle da nova máquina é eletrônico, através de microprocessadores.

Meio ambiente

Na parte de recuperação dos produtos químicos usados para a digestão da madeira e obtenção da celulose, a PCC instalou uma nova caldeira que permite reaproveitar esses produtos, ao invés de descartá-los. Conforme o diretor industrial Luiz Moraes Breves, isso permite chegar a custos compatíveis, porque só em soda cáustica a PCC gastou, no ano passado, US\$ 15 milhões que, se não fossem recuperados, fariam a fábrica dar prejuízo, uma vez que o resultado operacional foi de US\$ 9 milhões.

A preocupação com a preserva-

ção ambiental incluiu uso de eletrofiltros na caldeira de recuperação, nas caldeiras de geração de vapor e também no forno de cal, que entrou em operação recentemente.

A PCC usa 60% de celulose de fibra longa, de sua própria produção, e 40% de celulose de fibra curta, fornecida por outra empresa do grupo, a Riocell. A produção de celulose de fibra longa é garantida por 43.400 hectares de florestas plantadas na região, dos quais 31.500 em terras próprias e o restante em terras arrendadas ou contratadas.

Parceria com o governo

Após o discurso do presidente do Conselho de Administração da PCC, Pedro Franco Piva (ver página 9), falou o prefeito de Correia Pinto, Antonio Hames, destacando a importância, para a cidade, da presença da Klabin, que, além de proporcionar mais empregos e aumento da arrecadação para os cofres municipais, colaborou decisivamente na instalação de um hospital que vai atender não só os empregados da empresa, mas toda a comunidade.

Encerrando a solenidade de inauguração, discursou o governador de Santa Catarina, Vilson Kleinübing, que se referiu à construção do hospital e à iniciativa da Klabin em investir no Estado. Disse o governador que Santa Catarina está de braços abertos para receber todos os investimentos que o grupo desejar fazer, e para isso proporcionará toda a infra-estrutura necessária.

Lembrou que o governo estadual está equipando seus portos, para facilitar as exportações, principalmente para o Mercosul, investe 3% do orçamento em pesquisa e tecnologia, mantém 9 escolas técnicas e, sem prejuízo de sua receita global, está reduzindo a carga tributária das empresas, no esquema de "parceria" no ICMS. Por esse sistema, novos empreendimentos

que gerem mais receita têm financiamento desse tributo em 5 anos, começando com isenção de 50%, gradativamente diminuída até chegar-se à cobrança total.

O projeto

A construção da nova unidade enquadra-se num projeto mais amplo do Grupo Klabin, chamado Klabin 2000, e os primeiros passos foram dados em 1985, quando se iniciou o planejamento, definindo-se etapas a serem cumpridas.

A primeira etapa, concluída em 1989, preparou a unidade para a segunda etapa, inaugurada em abril. A terceira etapa, após a qual a PCC

espera dobrar seu faturamento de US\$ 100 para US\$ 200 milhões, prevê ampliação da área de secagem de celulose e produção de celulose de fibra longa, com investimentos de US\$ 50 a 60 milhões.

Klabin 2000

O projeto da PCC é parte de um planejamento mais amplo do Grupo Klabin, batizado de Projeto Klabin 2000, no qual deverá ser investido um total de US\$ 1 bilhão nos próximos sete anos; até 1995, os investimentos deverão totalizar US\$ 300 milhões, segundo o presidente da Indústrias Klabin de Papel e Celulose, Miguel Lafer.

Dentro desse projeto, está para ser inaugurada uma nova unidade, esta para a produção de papelão ondulado, em Jundiá, SP. Terá capacidade para 100.000 toneladas/ano e será a sexta fábrica do grupo para a produção de papelão ondulado, absorvendo investimentos de US\$ 40 milhões. A unidade será toda automatizada e informatizada, sendo operada por 350 funcionários, com uma produtividade duas vezes maior do que a da antiga unidade na Vila Anastácio, em São Paulo, capital, já desativada.

Ao final da implantação do projeto Klabin 2000, o grupo espera produzir 2 milhões de toneladas de papel por ano, o dobro de sua produção atual.

“VAMOS ARREGAÇAR AS MANGAS E MUDAR ESTE PAÍS”

(Íntegra do discurso de Pedro Franco Piva, presidente do Conselho de Administração da PCC)

“Traduzo a emoção do momento através do agradecimento sincero pelo comparecimento dos presentes. Vejo aqui amigos que se deslocaram para nos prestigiar e, acreditem, estamos honrados com tal gesto.

A inauguração de uma fábrica não é apenas o ato formal e simbólico de descerramento de uma fita e a leitura de uma placa assinalando um momento.

A inauguração de uma fábrica é a oficialização e consecução de um esforço maior, a realização de um sonho coletivo, em que planejamento, projeto, construção e finalmente o “start-up” são o resultado de muita preocupação, enorme esforço, infinita dedicação e indiscutível amor ao trabalho.

Este, pois, o significado deste evento, um momento feliz que se traduz por mais um pro-

jetos realizados e cujos agradecimentos, em nome dos acionistas, são dirigidos neste momento a todos os

colaboradores e funcionários do Grupo Klabin, do mais humilde ao mais categorizado, sem cujo trabalho não estaríamos aqui.

Senhor governador, ter concluído esta fase de nosso projeto em Santa Catarina foi mais um motivo de estímulo, pois com o apoio do Estado e de seu governo em todos os níveis, pudemos, com os trabalhadores locais, exemplos de



Pedro Franco Piva

competência, educação e senso de responsabilidade, levar a cabo mais uma realização que se soma ao orgulho que temos de nossa empresa.

Falar desse orgulho e o que representa nossa fábrica no Grupo Klabin no contexto nacional nos é muito gratificante. A Papel e Celulose Catarinense, fundada pelo Grupo Klabin na década de 60, iniciou sua operação em 1969.

Ao longo dessas duas décadas, a empresa dedicou-se exclusivamente à fabricação de celulose fibra longa de Pinus, papéis kraft para emba-

ragem, sacos multifoliados e envelopes.

Integradas à fábrica de Correia Pinto, a empresa conta com quatro unidades produtoras de embalagens nos Estados de Santa Catarina, Minas Gerais e Pernambuco. Esse conjunto, que tem capacidade para produzir anualmente 120 mil toneladas de celulose, papéis e produtos derivados, proporciona 3.000 empregos diretos, inclusive na área florestal, onde possuímos 34,5 mil hectares de reflorestamentos de Pinus, que garantem o suprimento de madeira para a fábrica de Correia Pinto.

Hoje, estamos inaugurando a parte principal do projeto de expansão da Papel e Celulose Catarinense, iniciado em 1986, com investimentos globais da ordem de US\$ 300 milhões, 50 mil m² de área construída e cujo cronograma

vem sendo cumprido sem interrupção, mesmo diante das grandes dificuldades e incertezas do quadro econômico nacional.

Com essa nova unidade, estamos elevando em 50% a capacidade de produção de papel "tissue" do Grupo Klabin e em mais de 10% a produção nacional.

Temos aqui equipamentos da mais alta tecnologia disponível e que nos permitem fabricar produtos com qualidade superior aos que se encontram hoje disponíveis no mercado brasileiro. Produtos que receberão as marcas tradicionais do Grupo Klabin, como Neve, Chiffon, GrandHotel, Gourmet, Extra Fino e Camélia.

Além de consolidar nossa liderança no mercado interno, destinaremos cerca de 30% da produção desta fábrica à exportação, principalmente aos países do Mercosul e da Europa, mercados bastante exigentes em termos de qualidade.

Importante destacar que a qualidade desta fábrica também se faz presente na área de conservação ambiental, já que utilizamos tecnologias modernas e não agressivas ao meio ambiente, como a unidade de pré-branqueamento da celulose com oxigênio, e uma estação de tratamento de efluentes, a qual, fazendo parte do complexo industrial de Correia Pinto, foi redimensionada para atender a nova unidade.

Uma inauguração é uma festa, mas não pode, entretanto, encobrir uma realidade que precisa ser questionada. Principalmente por aqueles que, liderando projetos vitoriosos, têm a obrigação de tocar nas feridas que impedem o avanço institucional do país.

Nos últimos anos este Brasil tem praticado uma política contracionista, com queda na demanda agregada. O

desequilíbrio tem ainda se agravado pela introdução de dispositivos constitucionais que, através da vinculação de despesas e de uma transferência de recursos tributários em direção aos Estados e municípios, tornaram a administração das finanças públicas tarefa impossível.

O desafio brasileiro é político. Vivemos uma profunda incapacidade decisória no campo político. Da mesma forma, a política econômica desanima os empresários, espanta o capital produtivo e dificulta o ressurgimento do espírito empresarial, tão necessário em economias em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, estamos passando por um perigoso momento, em que a compreensão social começa a se esgotar. A cada gestão baixam mais os estoques reguladores de credibilidade do governo, pois a população já percebe que não se moderniza uma economia parada, não se combate miséria com mais miséria. Esta mesma crise tem impedido a consolidação de reformas tão vitais para nossa economia, e que devem se pautar na preocupação com as causas estruturais, e não conjunturais, com idéias preventivas e não corretivas, com ações pró-ativas e não apenas reativas.

A recessão, a nosso ver, é inútil, pois o governo deixa sua função sinalizadora e coordenadora de investimentos e perde a visão de longo prazo. Por trás de uma recessão existem projetos e desenvolvimento, de maneira que combater inflação com recessão significa que, para melhorar a questão distributiva, é preciso diminuir a produção, o que é um contra-senso.

Também não queremos ser um país economicamente próspero e socialmente miserável.

Somos uma nação de grande mercado, sem conflitos raciais, vizinhança tranqüila, sem barreiras culturais e geográficas, e é uma obrigação que nos aproveitemos de tais oportunidades.

Um país de 150 milhões de habitantes não pode se dar ao luxo de apenas sobreviver e esta situação não mudará se continuarmos a nos resumir a 50 milhões de consumidores. Precisamos viabilizar a manutenção das atividades produtivas e liderar, como empresários, um novo ciclo de desenvolvimento sustentado, incorporando aqui a tão necessária rediscussão da educação, sem a qual mais uma geração será perdida.

A solidez de um país é dada pela sua indústria, pois sem ela não há serviços, não há modernização.

A indústria nacional corre grandes riscos de sucateamento. A idade média de nosso parque industrial já é hoje de 11,21 anos. Nossa importância no cenário mundial tem caído; em 1985 representávamos 1,04% do comércio global e hoje não passamos de 0,75%. Em 1990, com um PIB de US\$ 350 bilhões, recebemos parcos US\$ 700 milhões de investimentos externos, três vezes menos do que o Chile, com um PIB dez vezes menor. O PIB encolheu 0,93% em 1992, sendo que na indústria o passo para trás foi de 4,06%, um patamar inferior a 1980.

Não podemos, senhores, entrar no século XXI desta maneira, com perdas externas, defasados tecnologicamente e sem vontade de conquistar o mundo. Os Estados Unidos estão recompondo sua hegemonia, a Europa integrada e o Japão cada vez mais ativo.

Vivemos o paradoxo do maior potencial e a pior perspectiva na América Latina.

Exatamente por isso o maior desafio.

Temos pela frente um plebiscito, a revisão constitucional e ainda eleições para governadores, deputados, senadores e presidente. É agora ou nunca nossa escolha entre o Primeiro e o Quarto mundo.

Nossos rumos de consumo têm sido frágeis, sem sustentação. A transferência de recursos do setor produtivo, um desperdício de oportunidades; a sanha tributária um contra-senso. O sacrifício de todos os brasileiros perde-se na falta de uma noção de longo prazo e na dificuldade de compreensão de nosso papel ético como cidadãos de um país em dificuldades.

Precisamos criar 1,8 milhão de empregos por ano. Não será com a interrupção de investimentos e a falta de uma política industrial que contornaremos tal constrangimento.

É o momento de buscarmos uma agenda comum entre capital e trabalho, respeitadas as divergências. Procurar a distribuição equitativa de uma renda que tem sido cada vez menor. Repartir com eficiência as riquezas que são de todos nós, incentivar o consumo, alongar nossas dívidas, discutir com lógica, bom senso e a certeza de que, sem um processo definitivo de estabilização, não chegaremos a lugar algum.

Senhores, o Brasil é feito por nós. A capacidade criativa e transformadora do brasileiro está provada no exemplo do que fizemos em nossa jovem existência como nação.

Convido-os a todos para arregaçar as mangas e mudar este país. Aqui está nossa Papel e Celulose Catarinense como exemplo de fé, coragem, perseverança e dedicação.

É um bom começo para um Brasil melhor."

COMO INTEGRAR PESQUISA, ECOLOGIA, TECNOLOGIA E LEGISLAÇÃO

Para discutir a integração desses setores, o GT-7 da ANFPC reuniu especialistas na Fazenda Monte Alegre, da Klabin Fabricadora de Papel e Celulose.

Evento realizado em dois dias em Telêmaco Borba, no Paraná, reuniu os integrantes do Grupo Klabin e autoridades ligadas ao setor florestal, nas áreas de ecologia, regulamentação e pesquisa. Especialistas da empresa, por sua vez, mostraram algumas das modernas técnicas que são ali empregadas em reflorestamento.

A programação do primeiro dia de trabalhos iniciou-se com uma palestra de Mário Cesar Mantovani, coordenador do Núcleo União Pró-Tietê, da SOS Mata Atlântica, que falou sobre a estrutura da organização, seus objetivos, e as formas de cooperação que busca obter com empresas, organismos oficiais e a comunidade na preservação ambiental.

Mantovani assinalou que a SOS Mata Atlântica dirige seus maiores esforços no sentido de uma cons-

cientização geral sobre a necessidade de práticas conservacionistas, mas sem tolher o desenvolvimento sócio-econômico, visto de maneira global. Exemplificou com a questão da duplicação da rodovia Régis Bittencourt, projeto que, embora possa ter efeitos

*SOS Mata Atlântica:
conhecimento técnico
colaborando com projetos
socialmente úteis*

negativos sobre a Mata Atlântica no sul do Estado de São Paulo, é perfeitamente justificável do ponto de vista sócio-econômico, devendo, portanto, ser levado adiante, porém de forma

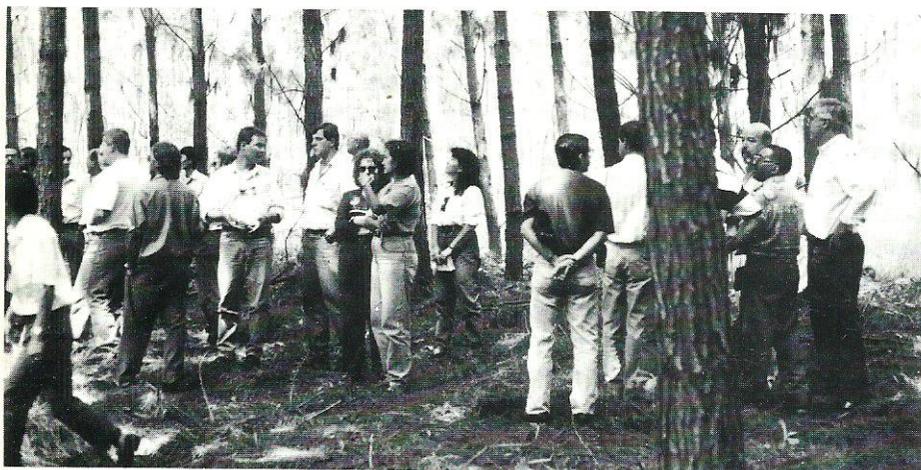
que seu impacto sobre o meio ambiente seja o menor possível.

Dentro desse enfoque, afirmou Mantovani, a SOS Mata Atlântica procura colocar seu conhecimento técnico à disposição de todos aqueles que estejam empenhados em projetos, socialmente justificáveis, e que tenham efeitos sobre a Mata Atlântica, para que esses efeitos sejam minimizados tanto quanto possível.

A palestra seguinte foi proferida pela dra. Luzdalma Maria Goulart Machado, assessora da DIREN-Diretoria de Recursos Renováveis do IBAMA, que falou sobre "Objetivos e "Operacionalização da Nova Estrutura do IBAMA". Ela explicou aos presentes como está montada essa nova estrutura, como ela opera, e como devem proceder os interessados em projetos que devem ser submetidos ao IBAMA.

Administração de Pesquisa

A programação do segundo dia de reunião começou com uma palestra do dr. Paulo Mendes Galvão, da EMBRAPA, que falou sobre "A Administração da Pesquisa Florestal", começando por assinalar que, no mundo competitivo de hoje, não se pode cometer erros, ou pelo menos deve-se trabalhar para reduzi-los ao mínimo, quando se trata de empreender pesquisas.



O grupo em visita à área florestal da Fazenda Monte Alegre

Assinalou que a pesquisa florestal deve ser orientada no sentido de atingir objetivos de competitividade em termos econômicos - e portanto com os mais baixos custos possíveis - e ao mesmo tempo com baixo ou nenhum custo ambiental.

Galvão lembrou que, atualmente, existem diversos tipos de organizações ligadas à questão florestal, cada uma delas trabalhando para atender a diferentes demandas, às vezes conflitantes umas com as outras. Segundo ele, a forma de superar isso é planejar os projetos de pesquisa em bases realistas, buscando máxima eficiência, promovendo a adequação de recursos, recebendo contribuições do mundo real, e que demandem o mínimo de tempo.

Assim, os projetos de pesquisa devem evitar: que os custos sejam maiores do que os benefícios; o desnecessário excesso de elaboração; que se tornem meros exercícios burocráticos; e que sejam supervalorizados enquanto projetos em si. Isso porque, conforme assinalou, pesquisa é investimento e como tal deve ser tratada. Seja de que tipo for - pura, aplicada, adaptativa, estratégica, operacional - a pesquisa deve ser conduzida por um processo de gerenciamento que tem, como ponto de partida, a indagação, objetiva e realista, sobre se o projeto deve ou não ser iniciado, se seus benefícios serão realmente palpáveis.

Marcadores moleculares

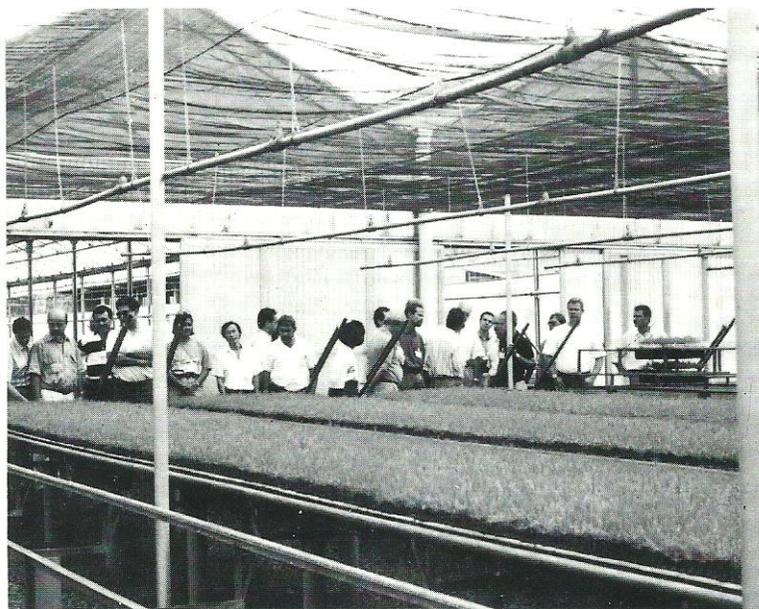
A palestra seguinte foi do engenheiro Moacyr Fantini, da Klabin Fabricadora de Papel e Celulose, sobre a técnica de emprego de mar-

cadadores moleculares em pesquisa, que começa a ser empregada pela empresa na Fazenda Monte Alegre.

Além das palestras, o evento incluiu visitas a diversas áreas da Fazenda Monte Alegre, dedicadas a atividades tais como: proteção ambiental, produção de sementes e mudas, labo-

Pesquisa deve ter bases realistas e buscar adequação custo/benefício

ratório fitoterápico, extração de madeira, sistema de informações geográficas e pesquisa florestal.



Produção de mudas na fazenda pode atingir 17 milhões de unidades/ano.

Foram visitados o Centro de Interpretação da Natureza, construído em 1992 para receber participantes da Eco-92, e o Parque Ecológico, que mantém um programa de educação ambiental voltado para estudantes da região. O trabalho inclui a proteção a espécies animais locais ameaçadas de extinção, algumas das quais se reproduzem em cativeiro e depois são devolvidas ao seu ambiente natural.

Na produção de sementes e mudas, foi apresentada aos participantes a tecnologia sul-africana de semeadura por máquina capaz de fazer 200.000 semeaduras por dia, e depois visitado o canteiro de mudas, com capacidade para 17 milhões de mudas por ano.

Em seguida, os participantes conheceram o Laboratório Fitoterápico, que pesquisa, as propriedades medicinais de espécies vegetais da região, e produz mais de 230 medicamentos que atendem às necessidades básicas de saúde da comunidade da fazenda.

No Centro de Pesquisa Florestal, foram mostrados os programas que a Klabin mantém nas áreas de Biotecnologia, Solos e Nutrição, Estatística e Inventário, Melhoramento Flo-

restal e Ambiência, com destaque para a técnica de propagação com base em árvores selecionadas.

Por fim, foi visitado o Centro de Informações Geográficas, onde estão armazenadas em computador informações sobre toda a área florestal, organizadas num programa de computador capaz de responder às mais variadas questões, como, por exemplo, qual a melhor rota para se extrair madeira de uma determinada área, se a estrada comumente usada estiver interrompida. O programa do computador inclui

todos os elementos geográficos - rios, pontes, lagos, estradas, torres de vigilância contra incêndio - e dados sobre data de plantio, de desbaste, de extração prevista em cada área em que a fazenda foi dividida.

Após essa programação, o GT-7 realizou na própria fazenda sua reunião regular, discutindo os diversos temas levantados pelos expositores nas palestras.

PAPEL PERFEITO, UMA QUESTÃO QUÍMICA

A qualidade ótima da folha de papel depende de se chegar ao melhor acerto na caixa de chegada. Roger Grant relata as últimas tendências e desenvolvimentos na tecnologia da parte úmida que estão ajudando os fabricantes de papel a alcançar novos níveis de precisão.

A área tecnológica em nossa indústria tende a permanecer relativamente adormecida por um período, e então, repentinamente, avança num grande salto. A área da tecnologia da parte úmida foi diferente por ter evoluído constantemente ao longo dos anos. Recentemente, esta evolução deu um salto significativo, permitindo aos fabricantes de papel obter maiores velocidades operacionais e melhorias de qualidade, e prometendo um novo nível de precisão nos controles. Este artigo dá alguns exemplos desses desenvolvimentos.

Para maior correção, deve-se começar esta tarefa seguindo o fluxo de produção antes da caixa de chegada, para atualizar a velha máxima dos fabricantes de papel: "o papel é feito na preparação da pasta mecânica". A

PPI fez uma revisão desses desenvolvimentos no ano passado (PPI, fevereiro de 1992). Novos avanços podem ser esperados para breve, na medida em que as máquinas de papel estão cada vez mais capacitadas a oferecer maior precisão na preparação da pasta.

Na caixa de chegada de uma máquina de papel tradicional, o ajuste dos cilindros influencia tanto a gramatura do papel resultante como a orientação das fibras. O novo modelo Jet Headbox da Voith proporciona uma maneira de separar esses dois parâmetros. É mais adequado para máquinas que fazem papéis numa ampla gama de gramaturas ou em especificações influenciadas pela orientação das fibras. O enfoque é aplicável a caixas de chegada tanto de uma dobra como de várias.

A separação da gramatura e da orientação das fibras é obtida alimentando-se a caixa de chegada com dois tubos. Um tubo traz a água e a descarga (num certo ângulo) no tubo do outro lado, onde está a pasta de alta consistência. A consistência desejada na caixa de chegada é obtida misturando-se adequadamente os dois fluxos. A orientação das fibras é influenciada pela alteração do fluxo dos dois tubos. Portanto, um Módulo Jet da caixa de chegada consiste numa série destes módulos misturadores de fluxo, cada um isolado do seguinte, e colocados a intervalos de 50 milímetros ao longo da largura da máquina. O forne-

cimento de água requer seu próprio sistema condicional de afluxo, incluindo um Daculator e tela.

Como medida da flexibilidade da gramatura obtida com esta caixa de chegada, a gramatura foi alterada dentro da amplitude de -49% a +10% sem afetar a orientação das fibras. Estes valores incorporam as mudanças de gramatura resultantes de mistura de pasta entre unidades adjacentes.

Pelo menos um outro fabricante está usando o mesmo princípio. Entretanto, o dr. Jasper Mardon, da consultoria Omnicontinental, que é um dos patriarcas dos modernos projetos de máquinas de papel, tem sérias reservas quanto a este enfoque.

A formação estratificada de papel não é novidade, mas recebeu um forte impulso em razão de sua capacidade de incorporar fibra reciclada na camada intermediária. Isso a torna absoluta no âmbito do papel de imprensa e isso permite a produção de papéis ambientalmente amigáveis, sem que a sua aparência seja pouco amigável.

Escher Wyss vê as pré-condições para boa pureza de camadas na manutenção dos jatos individuais separados tanto quanto possível na multicamada da caixa de chegada e então alimentando-os rapidamente com um curto jato na zona de formação da tela plástica. Adicionalmente, as camadas externas podem ser desumidificadas rapidamente, o que indica que elas requerem uma material livre e uma gramatura na faixa de 5 a 40g/m².

Questão de qualidade

No que se refere a configurações de formadoras por fios, há três alternativas, ou seja, mesa plana, formadores híbridos e formadores por depressão. Os três, a mesa plana com desidratação de pasta de um lado produz papéis com dois lados diferentes e limita a desidratação. Os formadores híbridos, de modo similar, sofrem com a drenagem que ocorre nos fios da mesa plana.

Nos formadores por depressão, em contraste, o jato de pasta que vem da caixa de chegada vai diretamente para a depressão entre os dois fios convergentes. Isto permite tanto a desidratação quanto o retraimento da tela plástica dos dois lados, mas alguma manipulação da tela plástica pelo uso de cilindros e lâminas. Portanto, os formadores por depressão devem sua crescente aceitação à sua capacidade de combinar desidratação em dois lados com boa estabilidade do fluxo, mais as melhores características dos elementos de desidratação dos cilindros e lâminas, como adequado à gradação do papel.

O dr. Jasper Mardon assinala que, nos modelos mais recentes, tanto a Beloit como a Voith inverteram a posição da sapata de desidratação e do cilindro formador, respectivamente. Colocando-os do outro lado, obtém-se melhor uniformidade na orientação Z.

Embora os formadores por depressão tenham sido usados para produção de papel de imprensa por mais de 20 anos, só recentemente eles conquistaram seu lugar na produção de papéis de melhor qualidade, como os supercalandrados, os papéis finos revestidos e os sem pasta mecânica. A velocidade das máquinas de papel para esses tipos está aumentando, indo além

de 1.000 metros/minuto, particularmente à medida que novas gerações de prensas de colagem já não fazem dessas velocidades uma limitação para os papéis sem pasta mecânica. No entanto, há limitações potenciais na desidratação e na formação. Os formadores por depressão conquistaram seu lugar por sua superior capacidade de desidratação a altas velocidades. Além disso, sua maior capacidade de controlar a pasta significa melhores características do tipo das esperadas nos papéis de impressão de alta qualidade, como formação uniforme, boa retenção de fibras, boa distribuição na orientação Z, sem encanoamento e com uma relação quadrática da tensão MD/CD.

Os melhoramentos obtidos são exemplificados por três instalações da Valmet que incorporam o SpeedFormer da empresa, que é um formador por depressão cilindro/lâmina.

Papéis finos revestidos

A máquina PM2 da unidade da Kaukas Lappeenranta de mesa plana foi reconstruída em duas semanas e meia. Isso permitiu um aumento de velocidade de 1.150 para 1.250 metros/minuto depois de dois meses de operação. Paralelamente, houve ganhos de qualidade em termos de melhor formação no mesmo nível de retenção no primeiro passo, menos manchas e menos perda de pontos quando da impressão do gabarito de gravura, e nenhum problema de formação de bolhas com o padrão offset quando o Scott Bond foi mantido a 95% do nível de mesa plana.

Papéis sem pasta para imprimir e copiar

A máquina PM8 da unidade de Kaukopää Enso-Gutzeit foi reconstruída a partir de um SymFormer. Houve melhorias na forma-

ção, no controle da relação de tensão MD/CD, no encanoamento e na maquinabilidade, embora não tenha havido aumento na velocidade porque a máquina está limitada pela sua seção de desidratação.

Papéis super-calandrados

A unidade de Jämsänkoski da Unite Paper Mills, ao que se informa, alcançou 1.300 metros/minuto em sua máquina de 10,1 metros de largura apenas duas semanas depois do "startup". Fez-se uma análise de distribuição de carga na orientação Z para uma amostra de 60 g/m², que mostra um conteúdo de carga bastante uniforme (média de 34%) em ambos os lados da tela plástica e um mínimo de 25% no centro da tela. Esse perfil da carga em forma de U aproxima-se mais daquele do pigmento num papel revestido do que é usual para gradações SC.

Escher Wyss prevê o aparecimento de formadores por depressão que permitirão consistências da pasta na caixa de chegada acima de 1,5%, sem nenhum efeito negativo na formação. De fato, a experiência da companhia aponta para melhor formação nessa consistência, para alguns tipos de papel, como de embalagem. Usando formadores por depressão com rolos/lâminas, as propriedades de resistência são menos dependentes da consistência do que no caso de mesa plana e formadores híbridos, porque a pressão pulsante da lâmina pode ser usada para "massagear" a pasta na zona de formação. Tal operação com maior consistência também pode melhorar a retenção e economizar energia na bomba da cabeça da máquina.

Dançarinos mais espertos

Os rolos dançarinos, em vez de morrerem de velhice, renasceram.

Uma melhor compreensão dos mecanismos em ação levaram a torná-los mais do que um dispositivo para melhorar a formação. Por exemplo, o sistema Microformer da M/K usa uma sapata de polietileno para envolver a tela em volta de uma pequena seção da circunferência do rolo dançarino no lado do fluxo descendente. Abaixo dessa seção de drenagem ficam câmaras de sucção. Para pastas mais lentas e maiores gramaturas, há um coletor para recolher os respingos atirados pelo rolo dançarino.

A primeira aplicação comercial está operando com papéis finos revestidos numa velocidade de 350 m/min. Na Twin Dandy, da Nordiska Egoutteurfabriken, as câmaras de sucção estão colocadas de ambos os lados dos dois rolos dançarinos adjacentes. Tais desenvolvimentos chegam bem a tempo, uma vez que o tradicional papel desempenhado pelos rolos dançarinos está agora ameaçado pela capacidade dos impressores imprimirem marcas d'água.

Complementando estes avanços existe um sensor da Ahlström Automation que mede a orientação da fibra. Por meio de um dispositivo a laser não contacto, ele mede o ângulo de orientação das fibras (MD) e as irregularidades na distribuição destas. É possível estabelecerem-se correlações com a tensão de resistência e outros parâmetros.

Tais progressos na configuração da parte úmida e na velocidade das máquinas não foram obtidos sem a criação de maiores exigências para as telas de formação. Dentre as características das telas devem estar bom suporte à tela plástica, estabilidade, retenção, higiene, longevidade e, naturalmente, boa desidratação. Estruturas de tela em multicamadas estão ajudando a atender tais exigências.

Química da parte úmida

Estas palavras fazem fraquejar o mais forte coração, por causa da complexidade do assunto. Fechar cada vez mais o sistema úmido não torna a situação mais fácil. Não obstante, o tema gradualmente revela seus segredos. Nisso existe a colaboração de instrumentação "on line" capaz de medir parâmetros tais como retenção no primeiro passo (de carga e fibras, separadamente) e condutividade e potencial eletrocinético da pasta mecânica.

Estão sendo desenvolvidos sensores que medirão o balanço de carga da pasta e as características de floculação.

Os retornos potenciais são significativos, pois caminham lado a lado com melhorias na desidratação na tela plástica, no consumo de matérias-primas químicas (incluindo-se menores cargas nos efluentes) e qualidade do

papel. A retenção de primeiro passo está provando ser um modo útil e bem difundido de se controlar a situação, tanto por sua importância econômica quanto por sua sensibilidade a diversos fatores de influência.

A análise de correlação destes e outros dados de processo pode proporcionar uma janela para os acontecimentos, outrora invisíveis, na parte úmida. A última aplicação corrente com este enfoque provavelmente é o sistema desenvolvido pela Associação Finlandesa de Pesquisa em Celulose e Papel. Este sistema de diagnóstico baseado em dados conhecidos foi usado para monitorar a química da parte úmida numa máquina de cartão e melhorar sua operação.

Progressivamente, a melhor compreensão do tema também levou ao desenvolvimento de aditivos mais sofisticados, tais como os polímeros duais e os sistemas auxiliares de retenção de micropartículas.

DOSIFICAÇÃO INTELIGENTE

O futuro da engenharia de processos caminha para a simplificação e otimização de resultados visando a preservação do meio ambiente.

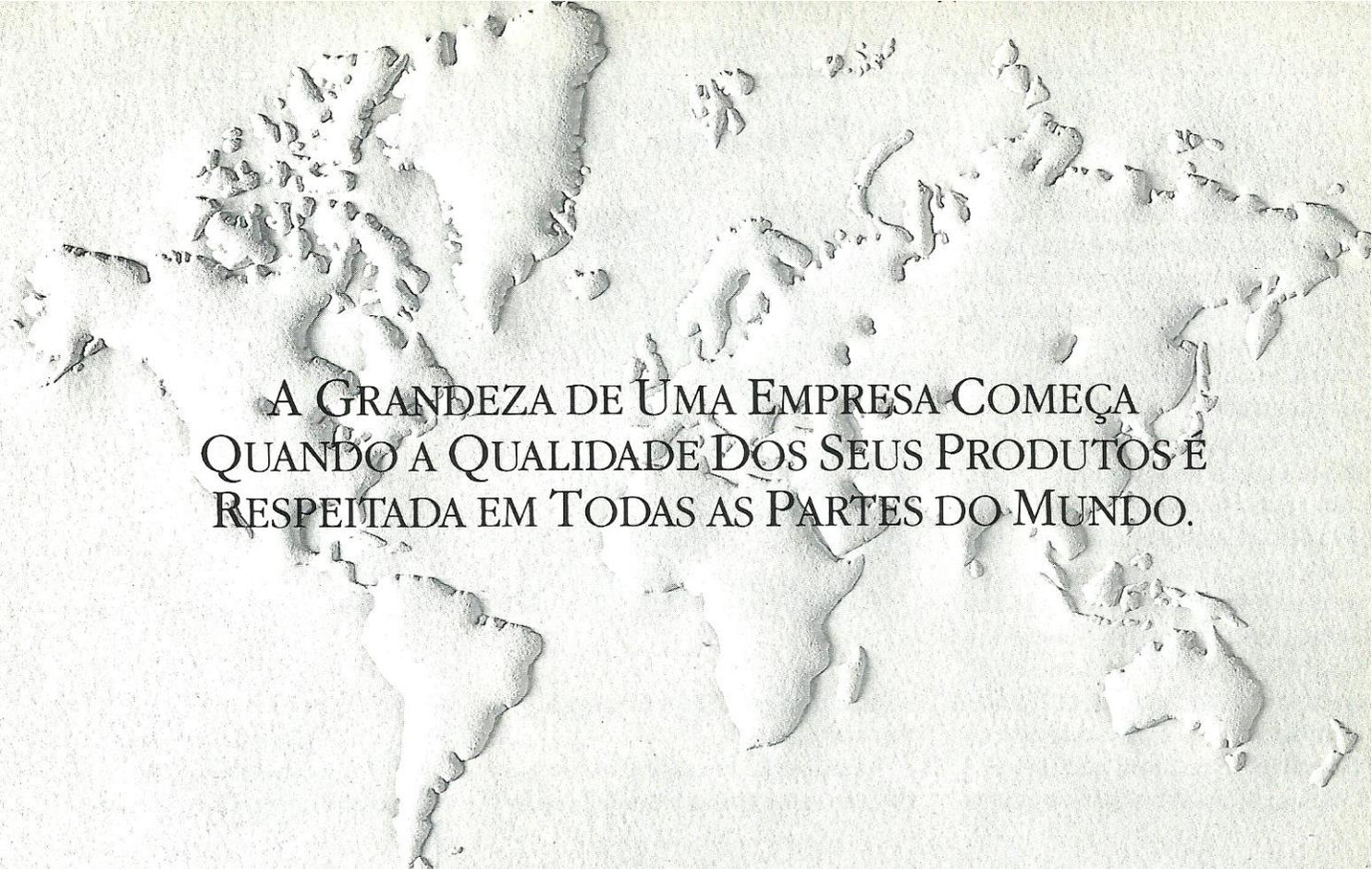
- DOSADORAS
- ELETRODOS
- PREPARADORES / DOSADORES DE POLÍMEROS
- AUTOMAÇÃO DE SISTEMAS DE CONTROLE E DOSAGEM
- CONTROLADORES PH - REDOX
CLORO - CONDUTIVIDADE

PREFIRA PROMINENT
Porque o futuro merece respeito.

Rua Sulu, 13 - S.B.C. - SP - CEP 09726-190
Tel.: (011) 458-4696/9563 - Fax.: (011) 448-9172

ProMinent®

**P
r
o
M
i
n
e
n
t**



A GRANDEZA DE UMA EMPRESA COMEÇA
QUANDO A QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS É
RESPEITADA EM TODAS AS PARTES DO MUNDO.

Com uma produção anual que já supera a casa de 1 milhão de toneladas, a Klabin situa-se hoje como a maior organização do setor na América Latina, estando classificada entre as 100 maiores empresas de celulose e papel do mundo. Suas atividades envolvem desde o reflorestamento até a fabricação de celulose de fibra curta e fibra longa, papéis para impressão e embalagens, papéis sanitários e a conversão de papéis em produtos higiênicos descartáveis, caixas de papelão ondulado, sacos multifoliados e envelopes. Os produtos Klabin são reconhecidos no país e no exterior por sua alta qualidade, resultado de contínuos programas de investimentos em pessoal, em novos equipamentos, pesquisas, desenvolvimento e pela preocupação constante em utilizar tecnologias avançadas não agressoras ao meio ambiente. Em suas atividades florestais, por exemplo, a Klabin mantém junto aos seus 195 mil hectares de reflorestamentos próprios, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 102 mil hectares de florestas nativas preservadas, onde são realizados programas educacionais e de proteção da flora e da fauna. Essa, entre outras iniciativas da Klabin, demonstra que é possível desenvolver atividades produtivas em harmonia com a natureza. E esta postura é fundamental para a qualidade.



Indústrias Klabin de Papel e Celulose SA

Murilo Passos na Bahia Sul

A Bahia Sul Celulose S.A. tem novo diretor-superintendente. Trata-se do engenheiro químico Murilo César Lemos dos Santos Passos, que deixou a diretoria da Área de Produtos Florestais, Meio Ambiente e Metalurgia da Companhia Vale do Rio Doce.

Murilo Passos, 46 anos, tem larga experiência na área, tendo ocupado o cargo de presidente da Celulose Nipo Brasileira (Cenibra) e da Florestas Rio Doce S.A., cumulativamente. Anteriormente foi diretor da área de madeiras e celulose da Cia. Vale do Rio Doce (1977 a 1989) e assessor do ministério da Indústria e do Comércio, pasta na qual foi secretário da Comissão Executiva para Papel e Celulose e Coordenador dos grupos



Murilo Passos

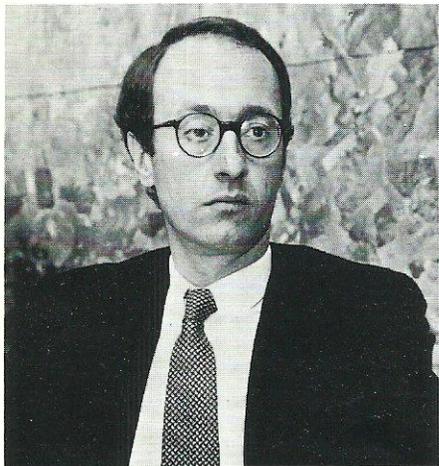
setoriais do Conselho de Desenvolvimento Industrial.

Membro do Conselho Consultivo de diversas empresas, Murilo Passos

integra o Conselho de Administração da Bahia Sul, da Docegeo-Rio Doce Geologia e do Terminal de Exportação do Porto de Riacho S.A. - Portocel.

Luiz Murat Jr.

Luiz Murat Júnior, que exerceu a diretoria financeira da Bahia Sul Celulose e foi por longo tempo coordenador do Grupo de Trabalho sobre reflorestamento da ANFPC, deixa o setor. Ele aceitou convite para responder pela diretoria financeira das empresas do grupo Perdigão, que passaram por uma fase de reestruturação, visando a profissionalização de sua administração.



Cenibra tem novo presidente

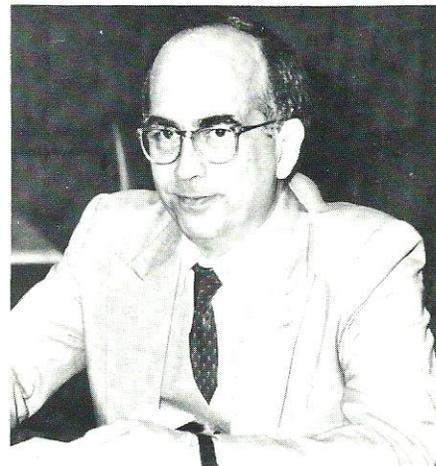


Luiz Otávio Valadares

Em substituição a Gilberto de Andrade Faria Júnior na presidência da Cenibra, tomou posse Luiz Otávio Valadares, administrador de empresas com diversas passagens pela vida pública, como vereador, deputado estadual, deputado federal, secretário de Estado da Administração e secretário Municipal de Esportes de Belo Horizonte.

Mauro Marques

Mauro Gonçalves Marques tem novas funções executivas, mas permanece no setor como membro do Conselho de Administração da Ripasa S.A. Ele deixou a diretoria financeira da empresa e a vice-presidência de Finanças da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, aceitando o cargo de vice-presidente de Finanças Corporativo do grupo Sharp.



Jamil Nicolau Aun deixa o sindicato

Após vários anos e numerosos serviços prestados ao setor, o médico e empresário Jamil Nicolau Aun deixou a presidência do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel, no Estado de São Paulo. Ele se afastou da atividade com a venda de sua participação acionária na Indústria de Papel Simão S.A.

Por solicitação das diretorias das entidades do setor, considerando os excelentes resultados de sua gestão, Jamil Aun permanece na direção do SEPACO - Serviço Social da Indústria do Papel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo, de cujo hospital foi um dos principais arquitetos.



Jamil Nicolau Aun

O SEPACO, dotado de equipamentos e instalações dos mais modernos, serve hoje, por força de convênio, para a realização de cirurgias cardíacas executadas por médicos integrantes do corpo clínico do Instituto do Coração.

Dante Ramenzoni assumiu, sucedendo a Jamil Nicolau Aun, a presidência do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel, no Estado de São Paulo.



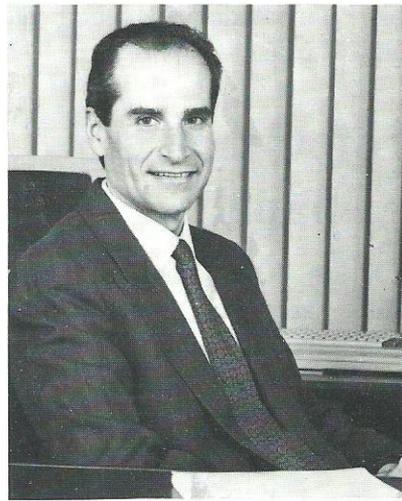
Dante Ramenzoni

Aldo Sani



O empresário Aldo Sani, que se retirou do setor, exonerou-se também do cargo de membro do Conselho da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Seu sucessor como diretor-superintendente da Rio-cell, Alfred Freund, foi eleito para sua vaga naquele conselho.

Raul Calfat



Raul Calfat, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, foi eleito, em assembleia da empresa, para o cargo de Diretor Superintendente da Votorantin Celulose e Papel, que abrange a Celpav, Indústria de Papel Simão e demais empresas coligadas.

Roberto de Oliveira

Registramos com pesar o falecimento de Roberto de Oliveira, que desde janeiro deste ano respondia pela Coordenação do GT-24 - Imagem e Comunicação do Setor.

Sob sua coordenação, foram formadas subcomissões com as seguintes atribuições: projeto para a confecção de um folheto específico sobre o vídeo institucional do setor, realizado e

distribuído pelo GT-24; estudos para a viabilização de um vídeo sobre reflorestamento; - trabalhos para a confecção de um manual sobre trilhas ecológicas do setor.

Ameaças no Mercosul

Numa decisão que vai na contra-mão da busca de mercados mais livres - como a tomada pelos sete países mais ricos, eliminando ou reduzindo tarifas de importação - o governo argentino acaba de impor quotas para importação de papel, o que afeta a indústria brasileira.

O Brasil, a propósito, manifestou sua preocupação na reunião do Conselho do Mercosul realizada em Assunção, e o assunto foi discutido sem no entanto se chegar a uma conclusão.

A Argentina absorve hoje cerca de 8,5% das nossas exportações, contra um

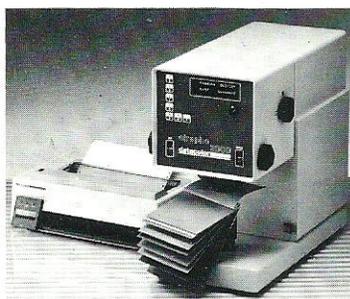
percentual de apenas 3% em 1991, tornando-se nosso segundo maior parceiro comercial, logo depois dos Estados Unidos.

A ANFPC, através de sua recém-criada Vice-Presidência de Comércio Exterior, estuda atentamente o caso e irá procurar encaminhar a questão em termos menos desfavoráveis ao setor.

Esta situação reflete as dificuldades que Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai terão de enfrentar antes que se chegue, em 1995, a um mercado verdadeiramente único.

Espectrofotômetro para papel

A Superlab anuncia a colocação no mercado do espectrofotômetro Elrepho 2000, voltado especificamente para o setor de papel e celulose, para emprego em medições do índice de branura, índice de opacidade, índice de amarelecimento, índice vermelho/amarelo e índice delta R457.



O equipamento, quando acoplado a um computador rodando o software Papyrus, permite expandir as funções do sistema de medição, abrangendo valores de refletância em porcentagem, de padrões de cores, determinação de vários graus de branura, transparência e outros dados.

Suzano lança campanha do Report

Afastada da mídia eletrônica há seis anos, a Cia. Suzano volta a investir em publicidade com campanha ousada do papel colorido para xerografia e impressão laser Report, o primeiro do gênero lançado no país.

Elaborada pela MPM: Lintas, a campanha custou US\$ 1 milhão e é composta por três comerciais de 15 segundos cada. O terceiro filme será veiculado até o final de julho para São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Brasília e Santa Catarina.

Segundo o gerente de marketing da empresa, Wong Kun Ho, o principal objetivo da campanha é difundir o uso do papel colorido. "A utilização do Report Cores está limitada a um pequeno público, como a área de processamento de dados de bancos e grandes empresas, daí a realização de uma campanha publici-

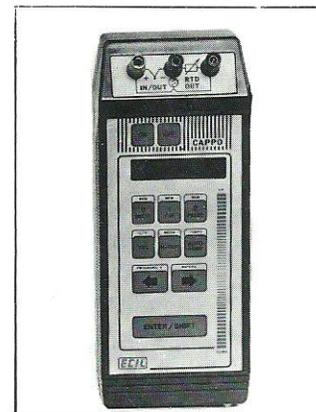
tária na TV. A idéia é pulverizar o uso do produto, levando-o até a média e pequena empresa e até mesmo ao consumidor individual", explica.

Desenvolvido para servir de sinalizador visual na montagem de pastas, manuais, tabelas de preços diferenciados etc., o Report Cores pode ser utilizado para xerografia e equipamentos laser de grande porte. Será comercializado pela rede de distribuidores autorizados Report e pelas principais papelarias nas cores salmão, azul, amarelo, verde e rosa, e em quatro diferentes formatos.

A Suzano também patrocina eventos esportivos, através da equipe de basquetebol Report-Suzano e do hipismo, com a participação de executivos da empresa em provas de enduro equestre e do Campeonato Brasileiro de Hipismo.

Calibrador portátil

A Ecil apresenta o calibrador portátil Cappel, com tecnologia microprocessada, que segundo a empresa é um instrumento de múltiplas funções, para uso tanto na área operacional como em laboratórios. O calibrador é oferecido com certificado de teste rastreado pelo INMETRO.



Novas embalagens

Representada pela Toga, começa a atuar no Brasil a International Paper/Evergreen, líder mundial no segmento de embalagens de cartão tipo "gable-top" para líquidos, e também fabricante de equipamentos para envase que atua em mais de 70 países. Através da Toga, a International Paper/Evergreen desenvol-

verá sistemas personalizados para embalagens que atendam a necessidades específicas de envase de líquidos. Serão oferecidas embalagens "gable-top" (pasteurizadas/"hot fill") ou assépticas (esterilizadas/"longa vida") com matéria-prima produzida pela própria International Paper/Evergreen.

Intecâmbio com o Japão

A Sociedade São Paulo AOTS Alumni é uma entidade sem fins lucrativos, que visa contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Brasil através do aproveitamento de conhecimento técnico e gerencial do Japão que possa ser transferido com vantagens para o país.

A sociedade é ligada à AOTS - The Association for Overseas Technical Scholarship, organização também sem fins lucrativos, cujas atividades são subsidiadas pelo Ministério da Indústria e Comércio Exterior do Japão (MITI). Criada em 1959, a AOTS já atendeu a cerca de 55.000 participantes de seus programas.

A Sociedade São Paulo AOTS Alumni opera programas de treinamento e estágios no Japão, desenvolvendo e adaptando às condições do Brasil progra-

mas de transferência de conhecimentos. Executivos e técnicos são selecionados, convidados e enviados ao Japão; posteriormente, busca acompanhar o trabalho desses executivos e técnicos, para apoiá-los no processo de implantação dos novos conceitos e técnicas aprendidos naquele país.

Adicionalmente, a São Paulo AOTS Alumni traz do Japão palestrantes de alto nível, para, através de seminários, divulgar aspectos do sistema japonês de gestão empresarial. Organiza ainda, conjuntamente com empresas privadas ou órgãos governamentais japoneses, seminários técnicos sobre temas específicos.

Maiores informações sobre os programas podem ser obtidas na entidade, à rua Brás Cubas 415, CEP 04109-040, tel. (011) 572-6488, fax (011) 573-6253

ANFPC cria Diretoria de Comércio Exterior

A importância do comércio exterior como instrumento capaz de manter os níveis de atividade e de emprego, foi um dos motivos que levaram a diretoria e o Conselho Deliberativo da ANFPC, em reunião conjunta, a criar o cargo de Vice-Presidente de Comércio Exterior na entidade. Foi indicado para ocupar a função Nilson Cardoso, da Ripasa.

Nilson Cardoso credita seu cargo ao significado que exportação e importação passam a ter para as empresas brasileiras em geral e para o setor em particular. Ele pretende desenvolver um trabalho que ajude as empresas associadas à ANFPC a desenvolver exportações com maior eficácia e promover a imagem do setor junto ao público internacional.

Coleta de dados por rádio-freqüência



A Zanthus está anunciando a comercialização de terminais de coleta de dados fabricados nos EUA pela Norand, e que operam em tempo real através de rádio-freqüência. Os terminais convertem os sinais digitais em rádio-freqüência e os transmitem a um computador central, que armazena e processa os dados recebidos.

Os terminais são usados em fábricas, para controle de qualidade, de inventários, de movimentação e armazenagem de mercadorias, e outros usos. Segundo a Zanthus, apresentam como vantagens a redução de erros, a agilidade na tomada de decisões a partir dos dados coletados, redução de pessoal e economia de tempo.

CBTI consolida novas parcerias

A CBTI consumou, em junho, operação contratual que transforma em novas parcerias as empresas Blades Industrial Ltda., com sede em São Paulo, e a Divisão "AES" da Albany International Ltda., localizada em Blumenau, SC. Além dessas incorporações, a CBTI passa a representar, no Brasil, os produtos da multinacional britânica Vickers Ltd.

Concretizada a operação, a CBTI - que nestes 11

anos consolidou sua presença no Brasil como representante e licenciada das marcas internacionais Thermo Electron, Somerse e EZE - amplia consideravelmente o seu horizonte de atuação. A CBTI reafirma sua disposição de manter e aprofundar seus programas de gestão para a Qualidade Total, transferindo aos novos produtos licenciados o mesmo padrão de assistência técnica e pronto atendimento.

A aliança estabelecida com essas empresas reflete uma tendência mundial, baseada na formação estratégica de blocos econômicos em defesa de mercados comuns.

"A globalização da economia impôs a abertura de um canal de informações sobre novos equipamentos, material e processos, tecnologia em desenvolvimento no mercado externo e ISO 9000, fazendo com que a CBTI investisse em

parcerias, criando novas frentes no mercado de trabalho, em atendimento ao cliente, nas suas reais necessidades", assinala Pedro Corrêa, diretor-presidente da empresa.

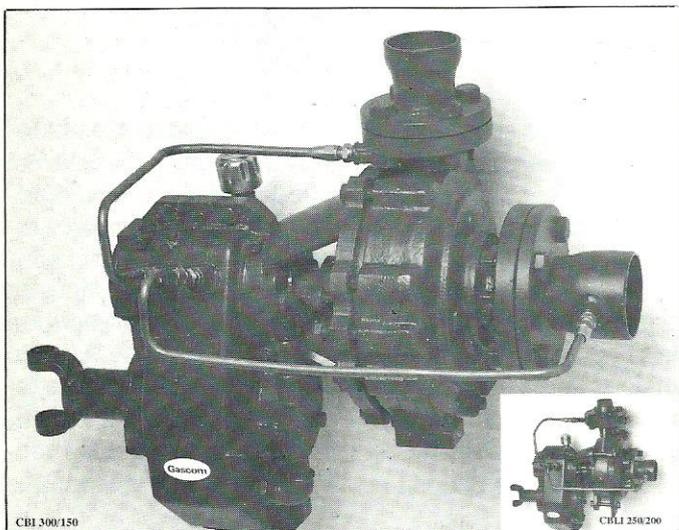
Segundo ele, o atual panorama nacional e as transformações internacionais fazem com que o empresário se volte hoje para a prática de técnicas integrativas e para a participação de pessoas que compõem a comunidade empresarial.

Conjunto caixa-bomba

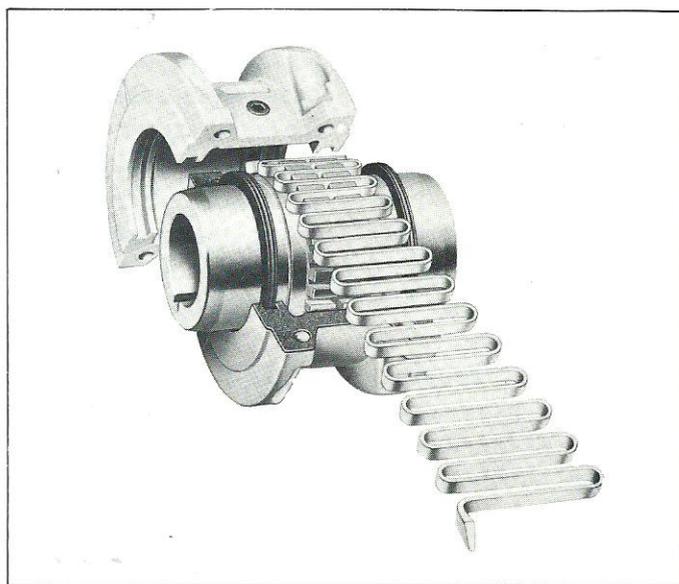
A Gascom Equipamentos Industriais Ltda. está lançando o Conjunto Multiplicador de Força, destinado a equipar viaturas de combate a incêndios florestais e urbanos, de irrigação e para lavagem de máquinas agrícolas e rodoviárias.

O conjunto é acionado pelo próprio motor do veículo, desde que tenha potência superior a 110 CV.

Pode ser montado sobre qualquer chassi e opera com o veículo parado ou em movimento, para a frente ou em marcha-a-ré e para operar com alta pressão e baixa vazão, economizando água, ou com pressão e vazão médias quando for requerido maior volume de água. A pressão pode chegar a 17,5 kg/cm² e uma vazão de até 1.315l/min.



Novo acoplamento



O acoplamento "T" é o mais novo lançamento da linha de acoplamentos flexíveis de grade elástica da Falk.

Disponível em 17 tamanhos, com capacidade de torque de até 94.000 Nm e para união de eixos com

diâmetros de até 280 mm, o equipamento tem como vantagem a tampa bipartida horizontalmente, facilitando montagem e manutenção, além da graxa LTG (Long Term Grease), que garante a utilização por cinco anos sem lubrificação adicional.

EVENTOS

Congresso na Polônia

A Associação dos Fabricantes de Papel da Polônia fará realizar em setembro próximo, entre os dias 27 e 30, seu XI Congresso Internacional, em conjunto com a exposição Progress '93, na cidade de Lodz.

O evento, que tem como tema "Necessidades e possibilidades do desenvolvimento da indústria de papel em países que estão mudando seu sistema econômico", é patrocinado pelo Ministério da Indústria e Comércio da Polônia, e tem a cooperação da Confederação Européia da Indústria de Papel.

Concurso internacional de embalagens de papelão

A TAPPI-Technical Association of the Pulp and Paper Industry, de Atlanta,

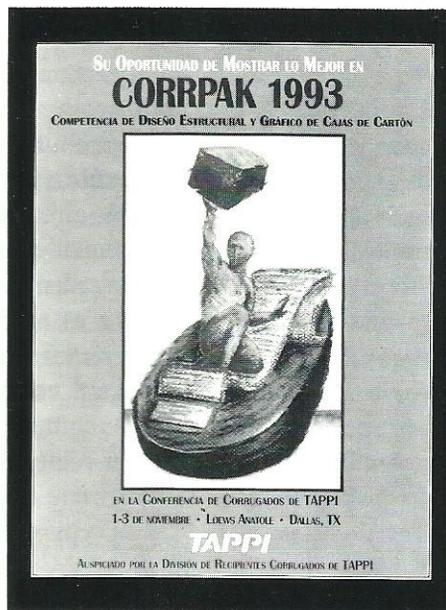
Georgia, EUA, promove de 1 a 3 de novembro próximo em Dallas, Texas, seu Congresso sobre Corrugados e, paralelamente, um concurso internacional de desenho estrutural e gráfico de caixas de papelão.

O concurso está aberto a fabricantes do mundo todo, sejam ou não associados da TAPPI, cuja Divisão de Recipientes Corrugados

promove o concurso para selecionar e premiar as melhores embalagens de papelão corrugado produzidas em 1993.

Os projetos serão analisados por um corpo de jurados que considerarão qualidade, desenho, excelência gráfica e aplicação inovativa. Os ganhadores serão anunciados na seção de corrugados do TAPPI Journal e outras publicações especializadas.

Maiores informações podem ser obtidas neste endereço: TAPPI, P.O. Box 105113, Technology Park, Atlanta, GA 30348-5113, USA.



Congressos florestais já são sucesso

O 1º Congresso Florestal Panamericano e o 7º Congresso Florestal Brasileiro, que serão realizados no Centro de Convenções de Curitiba (PR) de 19 a 24 de setembro próximo, já são um sucesso pelo número de trabalhos voluntários apresentados: aproximadamente 500.

Os congressos têm como tema central "Floresta para o Desenvolvimento" e são uma realização da SBS-Sociedade Brasileira de Silvicultura e SBEF-Sociedade Brasileira

de Engenheiros Florestais.

Diversos conferencistas internacionais já confirmaram presença, e os trabalhos estão divididos em oito Comissões: I - Comércio internacional de produtos florestais; II - Recursos florestais e ambiente; III - Qualidade e produtividade em florestas plantadas; IV - Florestas nativas: usos múltiplos; V - Avaliação de recursos florestais e seu manejo; VI - Tecnologia de produtos florestais; VII - Colheita e transporte flo-

restais; VIII - Política e legislação comercial: o atendimento das necessidades econômicas, sociais e ambientais dos povos.

Serão realizados cinco painéis sobre temas como a inserção do Brasil no mercado internacional de produtos florestais; ensino e pesquisa florestal no Brasil e outros.

1º CONGRESSO FLORESTAL PANAMERICANO
- 19 a 24 de Setembro, 1993
Centro de Convenções de Curitiba - Paraná - Brasil

7º CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO
- 19 a 24 de Setembro, 1993
Centro de Convenções de Curitiba - Paraná - Brasil

Tema:
FLORESTA PARA O DESENVOLVIMENTO
POLÍTICA • AMBIENTE • TECNOLOGIA • MERCADO

CONFERÊNCIAS	PAINEIS	COMISSÕES
<ul style="list-style-type: none">• A influência dos grandes blocos econômicos regionais nos mercados de exportação dos países em desenvolvimento.• O financiamento do desenvolvimento: a floresta como base de sustentação do crescimento econômico.• A compatibilidade das atividades econômicas, sociais e de conservação ambiental no manejo de florestas nativas.• Os reflexos da RIO 92 nas políticas ambientais, econômicas e sociais das nações industrializadas e dos países em desenvolvimento.• Florestas para o desenvolvimento do bem-estar do homem.	<ul style="list-style-type: none">• A inserção do Brasil no mercado internacional de produtos florestais.• Sustentabilidade: necessidade do mundo atual.• Perspectivas da produção florestal através do reforçamento.• Compatibilização entre desenvolvimento e política ambiental.• Ensino e pesquisa florestal no Brasil.	<ol style="list-style-type: none">I - Comércio internacional de produtos florestaisII - Recursos florestais e ambienteIII - Qualidade e produtividade em florestas plantadas e seu manejoIV - Florestas nativas: usos múltiplosV - Avaliação de recursos florestais e seu manejoVI - Tecnologia de produtos florestaisVII - Colheita e transporte florestaisVIII - Política e legislação comercial: o atendimento das necessidades econômicas, sociais e ambientais dos povos

Realização:
SBS - Sociedade Brasileira de Silvicultura
SBEF - Sociedade Brasileira de Engenheiros Florestais
Em parceria com o Conselho de Papel e Celulose Catarinense SA

Apoio:
• Amcel
• Aracruz
• Bahia Sulf
• Cambria
• Champion
• Escaltec
• Freyp
• Inparcel
• Irigaplan
• Klabin
• Alce Pires
• Monanto
• Monte Dourado
• Falcatec
• Pira
• Ripasa
• Rohm e Haas
• Sappi
• Suzano
• Vale do Rio Doce
• Valmet-Implemter
• Van der Hoeven
• Fátima do Paraná

NOVOS RUMOS PARA A SILVICULTURA BRASILEIRA



Jorge Humberto Teixeira Boratto é presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura - SBS

A indústria brasileira de base florestal já conta com 5,5 milhões de hectares de reflorestamentos e responde por cerca de 2,5 milhões de dólares de exportações, mas esses números estão muito aquém do potencial que esta atividade pode oferecer.

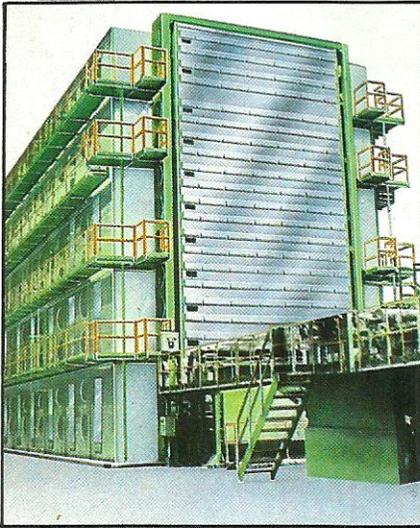
Sabemos formar e utilizar florestas, temos uma relativa penetração nesse setor do mercado internacional, clima favorável, grande extensão territorial e um "know how" específico acumulado num aprendizado de mais de cinquenta anos. Em suma, condições que dão ao Brasil uma posição de destaque em todo o mundo, no setor florestal. Aliás, a escolha do Brasil para a realização do 1º Congresso Florestal Panamericano, conjugado com o 7º Congresso Florestal Brasileiro, atesta o reconhecimento da importância da silvicultura brasileira, que acumula investimentos significativos e, ao longo dos anos, gerou um formidável contingente de empregos, qualificando-se como segmento de presença marcante no desenvolvimento global do país e na formação do seu Produto Interno Bruto.

No entanto, sabemos que os países do continente americano e o Brasil - que tem um terço das florestas tropicais do planeta - têm convivido com um desperdício dos recursos florestais, destruídos de um lado e mal utilizados como fator de desenvolvimento de outro. Um binômio que lega grandes desafios a serem enfrentados pelas gerações atuais e futuras.

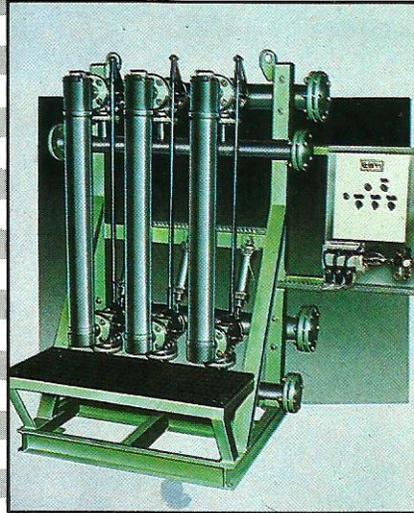
Os congressos Panamericano e Brasileiro, promovidos pela Sociedade Brasileira de Silvicultura - SBS e a se realizarem em setembro em Curitiba, Paraná, certamente darão diretrizes para o aproveitamento auto-sustentado dos recursos naturais renováveis, com a identificação de formas de cooperação entre as nações e os Estados em estágios diferentes de desenvolvimento florestal para, ao final, conduzirem à consecução dos objetivos comuns interligados que considerem as inter-relações de pessoas, recursos florestais, meio ambiente e desenvolvimento.

Da parte da SBS, está sendo encaminhada ao governo a proposta do programa SEIVAS - Sistemas Empresariais Integrados de Valorização das Ações da Silvicultura, com o objetivo de estudar o perfil atual e a configuração do mercado internacional para produtos florestais num horizonte de 10 a 20 anos, analisando as condições dos atuais e futuros supridores desse mercado, tanto em matérias-primas como produtos acabados. A partir do cenário desenhado por esse estudo, o programa fixaria metas, produto por produto, e definiria as ações integradas entre iniciativa privada e governo, para chegar a essas metas. Vamos discutir esta proposta com as várias entidades de classe ligadas ao setor de base florestal, e levar adiante o projeto que visa, a médio e longo prazos, aumentar a participação brasileira no mercado mundial de produtos florestais, hoje muito aquém das nossas potencialidades.

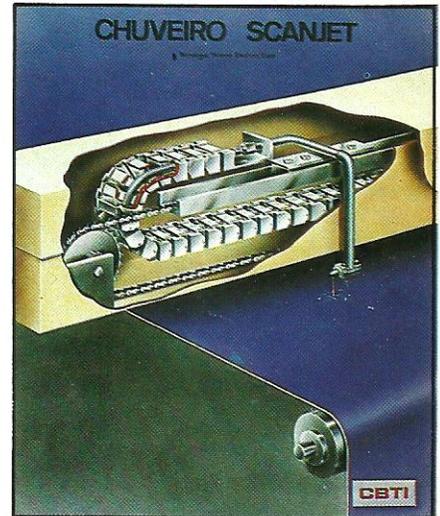
CUMPRINDO SEU PAPEL NA HISTÓRIA...



Secador de Celulose



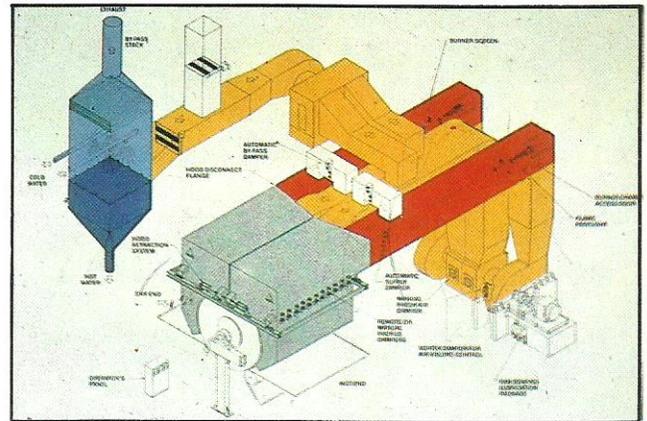
Filtros



Chuveiros Scanjet

Uma história de tecnologia, que há uma década destaca-se pelo seu desenvolvimento, pela melhoria da qualidade e da assistência técnica prestada a seus clientes. Para cumprir seu papel, utiliza-se da tecnologia Thermo Electron e própria, cujos destaques na história são:

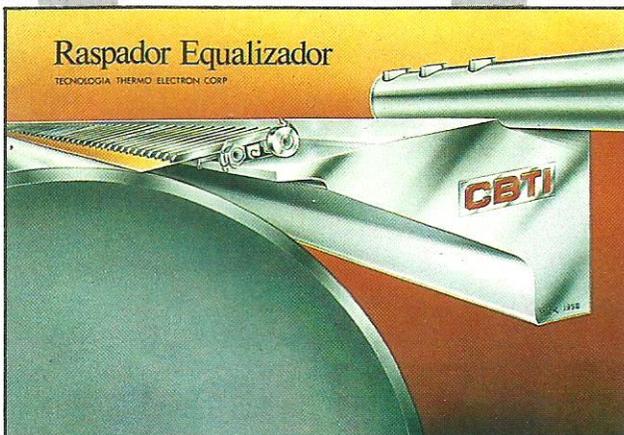
- Capotas de secagem;
- Secadores por flutuação;
- Sistema de ventilação para prédios;
- Raspadores, porta-lâminas e lâminas;
- Chuveiros, osciladores e filtros;
- Sistema de recirculação de água.



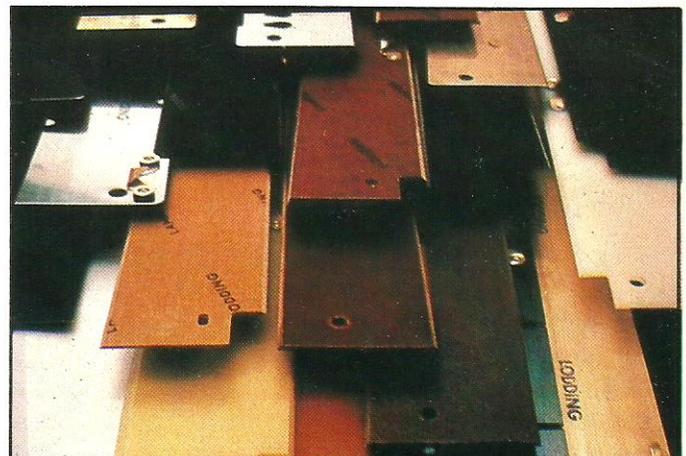
Capota Yankee

CBTI

*Do projeto à realização,
Tecnologia e Experiência.*



Raspador Equalizador



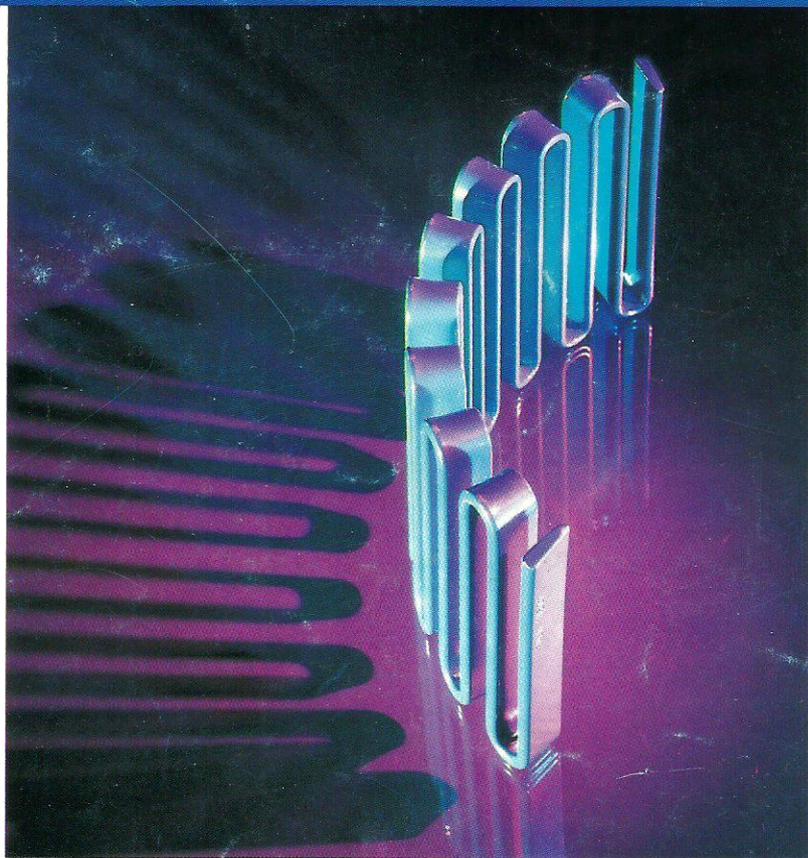
Lâminas Raspadoras

CBTI

COMPANHIA BRASILEIRA DE TECNOLOGIA INDUSTRIAL
Via Anhangüera, Km 83,5 Cx. Postal: 351/353 CEP 13270.000 Valinhos SP.
Fone: (0192) 71 0100 Fax (0192) 71 0093

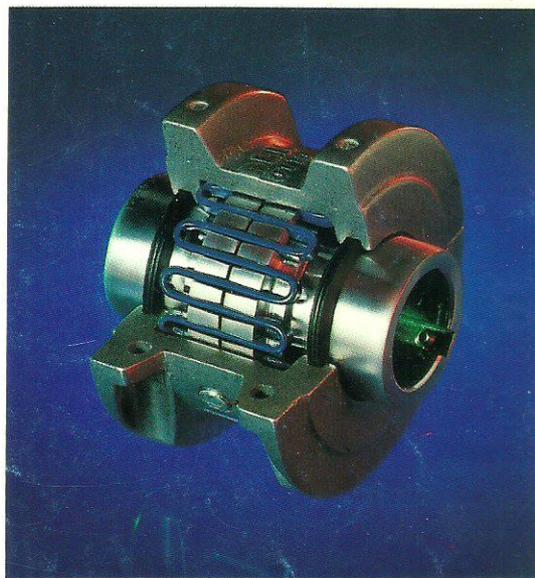
Acoplamento "T" - Steelflex

Conheça as grandes vantagens deste lançamento



MAIOR PROTEÇÃO PARA SEU EQUIPAMENTO POR UM CUSTO MENOR, POR MUITO MAIS TEMPO.

- ❑ Sistema Steelflex com alta capacidade de redução de choque e vibrações.
- ❑ Acoplamentos menores com maior capacidade.
- ❑ Exclusiva graxa LTG (Long Term Grease) que garante utilização por 5 anos* sem lubrificação adicional.
- ❑ Tampa bipartida horizontal, facilitando montagem e manutenção mesmo em espaços reduzidos ou de difícil acesso.
- ❑ Troca de grade rápida, fácil e de baixo custo em relação a outros tipos de Acoplamentos.
- ❑ Trabalha em todas as posições sem alteração dos elementos.



• **SP** • **ACOTEC** - S. Paulo (011)543-4199 • **DPE** - Piracicaba (0194)21-0076 • **IRSA** - S. André (011)454-2100 • **JRF** - Jundiaí (011)434-5611 • **NIEMER** - S. Paulo (011)871-2347 • **RSQ** - Campinas (0192)31-4999 • **RJ** • **ABA** - R. de Janeiro (021)290-3743 • **MARTEN** - R. de Janeiro (021)284-0422 • **MG** • **MINAS MERCANTIL** - Belo Horizonte (031)281-1555 • **ACOFLEX** - Belo Horizonte (031)271-6600 • **RS** • **ACE** - Porto Alegre (051)343-3438 • **PR** • **FAVALI** - Curitiba (041)243-7090 • **PE** • **ACOPLAN** - Recife (081)221-1191 • **CRT** - Recife (081)241-1400 • **BA** • **COTERMASA** - Salvador (071)312-8018 • **CE** • **J.G.VIEIRA** - Fortaleza (085)261-5853 • **PA** • **PORTUENSE** - Belém (091)224-6565 • **AM** • **W.SABÓIA** - Manaus (092)622-2111



FALK

SUNDSTRAND DO BRASIL EQUIPAMENTOS LTDA.
R. José Martins Coelho, 300 CEP 04461-050 S. Paulo SP
Tel: (011) 548-4011 Fax: (011) 246-9439 Telex: 11 56881